

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS

JANICE MARIA PINHEIRO MACHADO AQUINI

**A LEITURA ORAL EXPRESSIVA COMO VARIÁVEL FACILITADORA DA
COMPREENSÃO**

Porto Alegre, dezembro de 2006

JANICE MARIA PINHEIRO MACHADO AQUINI

**A LEITURA ORAL EXPRESSIVA COMO VARIÁVEL FACILITADORA DA
COMPREENSÃO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. José Marcelino Poersch

Porto Alegre

2006

JANICE MARIA PINHEIRO MACHADO AQUINI

**A LEITURA ORAL EXPRESSIVA COMO VARIÁVEL FACILITADORA DA
COMPREENSÃO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Prof. Dr.

*Ao meu filho Gabriel, que é o anjo que Deus colocou na minha vida e com quem aprendo
muito, dia após dia;
aos meus pais, Fernando e Aylheza, sempre presentes, exercendo, com muito amor, os papéis
de avós, durante a minha ausência;
aos meus queridos irmãos, Leopoldo e Luiz Fernando, pelo apoio incondicional em todos os
momentos.*

AGRADECIMENTOS

- À Deus, que esteve sempre comigo, orientando-me e abençoando o caminho que escolhi;
- ao meu orientador, Prof.Dr.José Marcelino Poersch, por suas orientações, ensinamentos e por ser um exemplo de incessante busca de conhecimento;
- ao Prof. Hélio Bittencourt, da Faculdade de Matemática, pela disposição em auxiliar na interpretação dos dados estatísticos;
- aos informantes deste estudo pelo interesse em colaborar com a pesquisa;
- à escola Marista Nossa Senhora do Rosário, em especial à coordenadora Pedagógica Renata Filistre e a professora Martha Henn, que mostraram-se sempre disponíveis para a realização deste trabalho;
- às amigas Marlise Machado e Stella Wendler, pela demonstração de sincera amizade e companheirismo ao longo desta jornada;
- à querida amiga, Adriana Rossa, pelo carinho com que respondeu a todas as minhas inquietações lingüísticas;
- às funcionárias do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mara e Izabel, pela atenção recebida.

*Aprender é a única coisa
que a mente nunca se cansa,
nunca tem medo e
nunca se arrepende.*

Leonardo Da Vinci

RESUMO

Este estudo teve por objetivo verificar se a utilização de um treinamento em leitura oral facilita a compreensão de textos. Para tanto, foram revisados aspectos teóricos relacionados à leitura, à compreensão leitora, ao processamento de leitura e, por fim, à leitura oral e sentido. A seguir, procedeu-se à pesquisa junto a 52 alunos da 3ª série do Ensino Fundamental da escola Marista Nossa Senhora do Rosário, colégio da rede particular de Porto Alegre, distribuídos em um grupo de controle e um experimental. O treinamento foi baseado em aspectos da leitura oral expressiva, tais como: dicção, entonação, fluência, ritmo e rapidez. A análise estatística dos resultados permitiu confirmar as hipóteses através do cálculo do teste *t de Student*. Concluiu-se, portanto, que a compreensão leitora é facilitada pela aplicação de determinadas atividades de leitura oral.

Palavras-chave: Processamento de leitura, leitura oral expressiva, compreensão leitora.

ABSTRACT

The aim of this study was to verify whether the use of oral reading activities can facilitate the comprehension of texts. In order to achieve this objective, theoretical aspects related to reading and reading comprehension were reviewed as well as those that deal with reading processing and oral reading and meaning. In the sequence, research was made with 52 students of the third grade of the Elementary School from a private school of Porto Alegre. The reading activities have been based on the expressive oral reading such as diction, intonation, fluency, rhythm and speed. The statistical analysis of the data allowed us to confirm the hypotheses based on the results of the *t* - Student test. This study concluded that the use of oral reading activities can enhance texts comprehension.

Key-words: Reading process, expressive oral reading, reading comprehension.

LISTA DE TABELAS

TABELA I - RESULTADOS DO PRÉ E PÓS-TESTE DE COMPREENSÃO LEITORA DO GRUPO DE CONTROLE (GC)	38
TABELA II – RESULTADOS DO PRÉ E PÓS-TESTE DE COMPREENSÃO LEITORA DO GRUPO EXPERIMENTAL (GE)	39
TABELA III – TESTE <i>T DE STUDENT</i> PARA COMPARAÇÃO DAS DIFERENÇAS PÓS-PRÉ ENTRE O GC E O GE.....	41

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO DO TRABALHO	12
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	14
2.1 Leitura.....	14
2.2 Compreensão Leitora	15
2.3 Processamentos de Leitura	17
2.4 Leitura Oral e Sentido.....	19
3 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA.....	21
3.1 Objetivos	21
3.1.1 Objetivo Geral	21
3.1.2 Objetivo Específico.....	21
3.2 Hipóteses e Variáveis	21
3.2.1 Hipótese Geral	21
3.2.2 Hipótese Operacional.....	21
3.2.3 Discriminação das Variáveis	22
3.2.3.1 Variável Independente	22
3.2.3.2 Variável Dependente.....	22
3.2.4 Avaliação das Hipóteses	23
4 IMPLEMENTAÇÃO DA PESQUISA	24
4.1 Caracterização da Pesquisa	24
4.2 Amostragem.....	24
4.3 Instrumentos da Pesquisa	25
4.3.1 Descrição dos Instrumentos.....	25
4.3.2 Aplicação dos Instrumentos	26
4.3.2.1 Aplicação-piloto	26
4.3.2.2 Aplicação dos instrumentos	27
4.4 Levantamento e Computação de Dados.....	36
4.5 Avaliação das Hipóteses.....	40
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	42
6 CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS.....	46

ANEXO A - QUESTIONÁRIO DE ANÁLISE DOS TIPOS DE LEITURAS DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	49
ANEXO B - APLICAÇÃO-PILOTO	50
ANEXO C - TESTE DE COMPREENSÃO LEITORA	54
ANEXO D - ATIVIDADES DE LEITURA ORAL.....	58

1 APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

Os desafios encontrados na área do ensino da leitura no Brasil são inúmeros, pois a maioria dos professores defronta-se com o fato de alunos se acostumarem a apenas receber fórmulas e respostas prontas que se encaixam em qualquer pergunta. Essa é uma realidade que nos obriga a refletir a respeito da formação de conceitos de leitura adquiridos por indivíduos responsáveis pelo ensino/aprendizagem em sala de aula.

Com o advento da psicolingüística, podemos ter algumas respostas a essas reflexões, pois ela investiga a interação entre pensamento e linguagem. Contudo, é um desafio questionar o indivíduo, mesmo aquele que é escolarizado, a respeito da formação de conceitos de qualquer natureza. No entanto, é um caminho compreender quais são esses processos cognitivos elaborados pelos indivíduos ao realizarem determinadas leituras.

Os mecanismos envolvidos no processo de leitura nem sempre são conhecidos por aqueles que estão envolvidos com o ensino da compreensão de textos. Ter consciência desses fatores é de extrema importância e um instrumento de auxílio para o professor.

Em nossa prática de ensino de língua, podemos verificar, pelas leituras orais de alguns alunos, que eles não conseguem construir o sentido real de um texto, mostrando que não chegaram à compreensão textual. Uma das maneiras para solucionar este problema é a utilização de atividades específicas de leitura oral expressiva para facilitar ao leitor a construção do sentido dos textos escritos. Com isso, haverá uma melhora na expressividade das leituras orais feitas pelos alunos.

A leitura oral expressiva tem uma grande importância na construção do sentido de um texto. É através dela que o leitor pode ter a clara noção de intensidade, entonação e ritmo das palavras em um parágrafo. Esses elementos têm uma função esclarecedora das idéias expressas pelo escritor.

A leitura oral expressiva é considerada uma atividade de grande importância para chegar-se ao sentido. Segundo Poersch (1993), ela

[. . .] engloba, além da recodificação, outros aspectos ligados especificamente à compreensão do texto e que servem de orientação ao ouvinte para construir a informação veiculada pelo texto escrito, a saber: ritmo e entonação. Esses aspectos são parte integrante da fala e são somente, de forma parcial, indicados no texto escrito.

A presente pesquisa pretende verificar a influência da leitura oral expressiva na compreensão leitora. Para tanto, dividimos este estudo da seguinte maneira:

- a) No capítulo dois, expomos as bases teóricas indispensáveis para a compreensão dos objetivos dessa pesquisa. A partir de uma revisão bibliográfica, definimos leitura e compreensão leitora e abordamos os tipos de processamento de leitura. Ainda nesse capítulo, comentamos sobre a leitura oral e sentido;
- b) No capítulo três, apresentamos os objetivos e hipóteses que conduzem o presente trabalho;
- c) No capítulo quatro, a metodologia é relatada, na qual identificamos a população e a amostra da investigação, descrevemos e aplicamos os instrumentos de coleta de dados e efetuamos o levantamento, computação e avaliação dos dados, bem como a análise das hipóteses;
- d) No capítulo cinco, analisamos os resultados finais obtidos na pesquisa;
- e) O capítulo seis apresenta as nossas conclusões e reflexões baseadas nos resultados finais;
- f) A seguir, identificamos, respectivamente, as referências bibliográficas da pesquisa e os anexos utilizados durante esse estudo.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 Leitura

A leitura começou a receber maior atenção por parte dos pesquisadores a partir do desenvolvimento da Psicolingüística.

Goodman (1971, p. 15) define leitura como: “[. . .] um processo psicolingüístico através do qual o leitor, um utente da língua , reconstrói, o melhor que pode, uma mensagem codificada por um escritor com uma determinada disposição gráfica [. . .]”. Essa reconstrução possui características de um processo cíclico envolvendo operações complexas de amostragem, previsão, testagem e confirmação. Definimos amostragem como a utilização de pistas (ortográficas, sintáticas, semânticas, entre outras) deixadas pelo escritor em seu texto e que o leitor proficiente percebe e as seleciona para iniciar a reconstrução de sentido. A partir da amostragem, torna-se necessário levantar hipóteses sobre a mensagem do material gráfico e testar essa reconstrução. Essa testagem é baseada na informação anterior, vinculada tanto ao texto quanto à quantidade de informação que o leitor possui sobre o tópico em análise. Se o leitor confirma a reconstrução, de acordo com seu conhecimento anterior, o ciclo de amostragem, então, se reinicia na continuidade do texto. Entretanto, se houver alguma inconsistência relacionada à reconstrução e testagem, provavelmente o leitor repetirá a leitura.

Nesse sentido, conforme Goodman (1976, p. 18), “[. . .] a leitura é como um jogo psicolingüístico de adivinhação”, em que os leitores mais fluentes utilizarão um mínimo de amostragem do texto. Sendo assim, “[. . .] o leitor mais competente é aquele que faz mais adivinhações acertadas e que o leitor imaturo é aquele que faz uma leitura linear com pouca predição.” (KATO, 1995, p. 22). A leitura surge, assim, nessa teoria, como um processo seletivo.

Uma outra definição de leitura é o estabelecimento de uma comunicação com os textos impressos por meio da ativa busca do significado. Aprender a ler implica, simultaneamente, aprender a decodificar e a compreender diferentes tipos de textos. Portanto, a compreensão da leitura constitui um processo interativo entre

as contribuições que o leitor traz para o texto e as características do próprio texto. (CONDEMARIN; GALDAMES; MEDINA, 1997).

Em relação ao texto escrito, Poersch e Amaral (1989) o consideram um intermediário entre o escritor e o leitor. Uma vez que o significado se encontra apenas na consciência do escritor, ele utiliza pistas para que o leitor possa construir, em seu cérebro, um significado semelhante ao que o texto se refere. Portanto, pode-se dizer que o produto da leitura é a integração de três elementos: o escritor, o texto e o leitor, sendo que a construção do sentido é a maneira como cada leitor percebe e utiliza as características do texto lido.

2.2 Compreensão Leitora

Na compreensão leitora, há dois aspectos importantes a serem ressaltados: a ativação do conhecimento existente e a construção do conhecimento novo. Essa compreensão é extremamente influenciada pela habilidade que o leitor tem para decodificar um texto e a sua familiaridade com o tópico do mesmo.

A ativação do conhecimento prévio é essencial à compreensão. É o conhecimento que o leitor tem sobre determinado assunto e que lhe permite fazer inferências para relacionar diferentes partes de um texto. Mesmo o leitor fluente, às vezes, não se conscientiza de que muito de sua compreensão leitora vem do conhecimento que ele traz ao ler. O conhecimento prévio a respeito de um tópico forma um esquema dentro do qual idéias adicionais podem ser assimiladas e lembradas.

Em termos pedagógicos, a compreensão do leitor a respeito de determinado texto poderá ser facilitada se a informação sobre o conteúdo do texto for trabalhada antes da leitura propriamente dita. Isso poderia ser feito com os seguintes propósitos:

- a) para desenvolver a consciência do leitor no sentido de que a compreensão leitora é um processo interativo e faz-se necessário que esse leitor pense sobre o que ele sabe a respeito do assunto a ser abordado “antes” da leitura. “O pensar sobre o que se sabe” é uma atividade metacognitiva muito importante em todas as áreas de aprendizado;
- b) para aumentar a armazenagem de conhecimento do leitor.

A partir dos anos setenta, incrementaram-se os estudos sobre a importância do *background* do leitor no sentido de associar significado a palavras. (ANDERSON; SHIFRIN, 1980; DREHER; SINGER, 1981). Foi durante esse período que se desenvolveu o conceito de “instanciação”, segundo o qual as palavras avivam um significado que é único para cada leitor, desenvolvido a partir de suas próprias experiências.

A respeito disso, Farr e Carey (1986) relatam que as palavras não teriam um significado fixo, mas sim, sutis e indefinidas gradações de significados que seriam construídos através de uma interação entre as informações recebidas e o conhecimento existente no cérebro do leitor.

Abordando essa questão, Poersch (1999) destaca que a compreensão em leitura inicia a partir da percepção dos sinais gráficos que compõem o texto:

É no cérebro que os dados trazidos pelo texto, juntamente com os dados previamente armazenados, começam a ser processados. Como conhecimento significa conexões sinápticas, se os dados de *input* encontram uma conexão até os dados armazenados, esses dados armazenados são ativados. Nós dizemos que houve **recordação** e sinapses já existentes são reforçadas. Se os dados de *input* não encontram um caminho previamente trilhado, eles precisam ser integrados em algum dado já armazenado. Essa integração significa criação de uma nova conexão; em outras palavras, significa **aprender**. Então esse conhecimento torna-se parte do conhecimento prévio e ambos são usados para processar o restante do texto.

De modo semelhante, a Teoria dos Modelos Mentais (VAN DICK; KINTSCH, 1983) afirma que, durante a leitura, o leitor constrói uma representação do conteúdo do texto a partir de dados como o contexto, personagens, objetos, causas e intenções.

No entanto, esses modelos não são propriedades do texto, mas derivam dos seus processamentos semânticos. O que o leitor representa, portanto, não é o texto, mas sim, o mundo ao qual o texto se refere.

2.3 Processamento de leitura

Nas últimas décadas, as pesquisas em torno da leitura passaram a considerar importantes os processos empregados pelo leitor no ato de ler. Entre as diferentes abordagens das teorias de leitura, destacam-se três modelos básicos: o processamento ascendente (*bottom-up*), o processamento descendente (*top-down*) e o processamento interativo (*interactive*), que combina os dois primeiros (GARNER, 1988).

O processamento ascendente ocorre no momento em que o leitor vai progredindo no texto, num processo linear de decodificação, partindo das partes menores para as maiores, do simples para o complexo. O processamento se dá, literalmente, da esquerda para a direita e de cima para baixo. Dessa forma, o leitor está subordinado ao texto. Podemos dizer, então, que esse modelo prevê a volta ao texto todas as vezes que for necessário.

Quanto a esse aspecto, Scliar-Cabral (1999) ressalta que, no texto, existem algumas pistas que devem ser observadas, como por exemplo, as marcas lexicais para fazer o “fatiamento sintático-semântico” no momento da leitura. Portanto, são essas pistas ou informações presentes no texto que caracterizam o processamento ascendente.

Leffa (1996, p. 26), por outro lado, considera esse processo muito limitado, pois o leitor não extrai um conteúdo do texto como “[. . .] se o texto fosse uma mina que se esvaziasse com a mineração.” O autor afirma que o texto não possui conteúdo preciso, exato e completo, mas reflete-o como um espelho, através das “pistas” que o escritor insere no texto para levar à construção do sentido.

De maneira inversa ao processamento ascendente, o processamento descendente ocorre de maneira instantânea, sendo que as informações são apreendidas como um todo. Dessa forma, a importância maior é dada não ao texto, mas ao leitor, que faz inferências a partir de seu conhecimento prévio.

Leffa (1999) afirma que a ênfase no leitor é mais complexa que a ênfase no texto, pois considera a experiência de vida que antecede o encontro com o texto e não apenas o que acontece durante a leitura.

Outros autores explicam o processamento em leitura de forma diversificada. Entre eles, Garner (1988), que declara que o processamento *top-down* é inadequado pelas mesmas razões do *bottom-up*: segundo a autora, ambos falham no processamento das informações existentes no texto. Nenhum desses é satisfatório, sendo preciso examinar as interações entre as estratégias ascendentes e descendentes.

A partir dessas interações, surge o processamento interativo que afirma haver uma inter-relação dos dois processamentos acima descritos, pois a compreensão só é atingida na interação entre o leitor e o texto. Nessa relação, a leitura implica uma correspondência entre o conhecimento prévio do leitor – que é adquirido ao longo da vida – e os dados fornecidos pelo texto. Para Leffa (1996), leitor e texto podem ser representados como duas engrenagens. Quanto melhor o encaixe entre um e outro, melhor a compreensão do texto.

Esse processamento está em consonância com a teoria dos esquemas de Rumelhart (1984), na qual os dois processamentos – ascendente e descendente – devem ocorrer simultaneamente. Para o autor, os esquemas são estruturas de dados para representar os conceitos genéricos armazenados na memória. Por isso, no momento em que o leitor usa seus esquemas, ele está realizando um processamento interativo, pois está relacionando informações do texto a esquemas existentes em seu cérebro.

É pertinente, portanto, afirmar que o leitor utiliza diversos níveis de conhecimento e que a compreensão do texto ocorre mediante a interação dos níveis lingüístico, textual e de conhecimento de mundo. O conhecimento lingüístico abrange desde o conhecimento do vocabulário e de regras até o conhecimento do uso da língua; o conhecimento textual diz respeito ao conjunto de noções e conceitos sobre o texto – estruturas textuais diversas, organização dos diferentes tipos de textos etc. – e o conhecimento de mundo refere-se às experiências vividas

pelo leitor e armazenadas em sua memória. Pode-se dizer, então, que a compreensão acontece a partir da relação do conhecimento prévio e do entendimento das pistas deixadas pelo autor, estabelecendo-se, então, o princípio cooperativo entre autor e leitor.

2.4 Leitura Oral e Sentido

Na leitura oral expressiva, podemos destacar três estágios importantes (POERSCH, 1993):

- a) recodificação: é a transformação de sinais gráficos em sonoros. A dicção situa-se nesse nível, pois ela está relacionada à sonorização;
- b) decodificação: consiste em fornecer significado aos signos, seja no nível lexical, frasal ou textual;
- c) compreensão: esse estágio está relacionado à construção do sentido.

O leitor que faz uma leitura oral expressiva tem a função de mediador entre o escritor e o ouvinte e, para que esse construa o sentido, é necessário que o leitor compreenda as pistas deixadas no texto pelo escritor. Essa compreensão é baseada em dados explícitos (expressos no texto), implícitos (omitidos no texto, mas fazem parte dele) e ultraplícitos (dados relativos ao contexto). Portanto, para o leitor conseguir dar uma maior expressividade à sua leitura oral é fundamental que ele tenha a compreensão exata do que lê. Caso contrário, haverá uma quebra na comunicação e o princípio cooperativo entre aquele que faz a leitura oral expressiva e o seu ouvinte não será realizado.

Um aspecto importante a ser levado em consideração na leitura oral é a fluência.

Essa capacidade é necessária para a compreensão em leitura, pois quando um leitor fluente decodifica o texto automaticamente, ele pode dedicar mais recursos cognitivos à compreensão.

O bom leitor pode fazer algumas substituições, omissões ou adições de palavras enquanto lê oralmente. No entanto, essas pequenas modificações não afetam a habilidade do leitor em construir significado a partir do texto. Entretanto, se

esse leitor identificar uma palavra erradamente de modo a afetar a compreensão, ele provavelmente detectará o problema e corrigirá o erro.

A leitura oral, ao contrário da leitura silenciosa, é um método eficiente e muito utilizado para ensinar fluência. A velocidade e a precisão no reconhecimento lexical são partes integrantes de uma leitura fluente.

Um outro aspecto é a atenção à pontuação que ajudará o leitor a ler com mais fluência. Isso dará ritmo ao texto e a compreensão do ritmo ajudará o leitor a compreender o significado pretendido pelo autor. A entonação apropriada também é um fator importante na fluência em leitura e é uma indicação de que o leitor está prestando atenção no sentido do texto.

3 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

3.1 Objetivos

3.1.1 Objetivo Geral

Verificar a influência da leitura oral na compreensão leitora.

3.1.2 Objetivo Específico

Verificar se a aplicação de determinadas atividades de leitura oral facilita a compreensão de textos.

3.2 Hipóteses e Variáveis

3.2.1 Hipótese Geral

A leitura oral expressiva é uma variável facilitadora da compreensão.

3.2.2 Hipótese Operacional

A compreensão leitora é facilitada pela aplicação de determinadas atividades de leitura oral.

3.2.3 Discriminação das Variáveis

3.2.3.1 Variável Independente

Atividades específicas de leitura oral expressiva.

3.2.3.2 Variável Dependente

Escore de compreensão obtidos através de testes de múltipla escolha.

3.2.4 Avaliação das Hipóteses

As hipóteses da pesquisa serão corroboradas se o grupo experimental, que será submetido às atividades de leitura oral expressiva, obtiver ganho estatisticamente significativo em relação ao grupo de controle. Para tanto, será realizada a comparação dos escores do grupo de controle e grupo experimental no pré e pós-teste. Na avaliação da hipótese da pesquisa, utilizaremos o esquema de Hayman (1978) que privilegia a contagem de ganhos para grupos de controle e experimental após algum tipo de treinamento.

C **M1** \longrightarrow **M3**

GC = M3 - M1

E **M2** \longrightarrow **x** \longrightarrow **M4**

GE = M4 - M2

Onde:

C = grupo de controle

E = grupo experimental

M = medição da compreensão leitora

G = ganho

\longrightarrow = o tempo que passa

x = atividades específicas de leitura oral expressiva

De acordo com esse esquema, a hipótese estatística reescreve-se da seguinte forma:

$GGE \neq 0$; $GGE > GGC$.

4 IMPLEMENTAÇÃO DA PESQUISA

4.1 Caracterização da Pesquisa

Esta pesquisa é de caráter experimental e visa a verificar o resultado de práticas de leitura oral expressiva para uma melhora na compreensão leitora.

4.2 Amostragem

A população constitui-se de alunos da terceira série do Ensino Fundamental, crianças entre oito e nove anos. Optou-se por este nível porque a pesquisadora já havia trabalhado alguns fundamentos de leitura com alunos das séries iniciais.

A amostra desse estudo é composta por duas turmas de terceira série do Ensino Fundamental de uma escola da rede particular de Porto Alegre. A escolha dessa escola deve-se ao fato de a sua coordenação pedagógica ter aceito a realização dessa pesquisa. Estas turmas foram divididas em dois grupos, um de controle e um experimental, cada qual com um número diferente de sujeitos, em virtude das particularidades de cada turma: o grupo experimental com 27 alunos e o grupo de controle com 28 alunos.

Inicialmente, foi entregue ao grupo experimental um questionário relativo aos tipos de leituras dos sujeitos (Anexo A).

Foi necessária a elaboração e aplicação de um questionário inicial relacionado aos tipos de leitura dos sujeitos do grupo experimental, pois, através dele, pudemos verificar o conhecimento prévio dos alunos sobre este assunto e direcionar as atividades de leitura oral.

4.3 Instrumentos da Pesquisa

Para a presente pesquisa foram utilizados:

- a) teste de compreensão leitora (pré e pós-teste). (Anexo C);
- b) atividades específicas de leitura oral expressiva. (Anexo D).

4.3.1 Descrição dos Instrumentos

O teste de compreensão leitora, utilizado no pré e pós-teste, constitui-se de questões de múltipla escolha baseadas na fábula “Os músicos de Bremen”, de autoria dos irmãos Grimm. A escolha desse texto deve-se ao fato dos sujeitos da amostra estarem familiarizados com esse estilo de texto, fato que foi constatado nas respostas dos sujeitos ao questionário inicial.

Esse instrumento é composto por um texto de 83 linhas, às quais foram marcadas, à esquerda, com uma seqüência de números para melhor acompanhamento da leitura pelos alunos.

Imediatamente após ao texto, seguem 10 questões de múltipla escolha com 4 alternativas cada uma.

A escolha por um teste com apenas 10 questões, dá-se pelo fato dos sujeitos não estarem acostumados a testes muito longos.

As atividades específicas que foram realizadas com o grupo experimental abordaram aspectos da leitura oral expressiva como: dicção, ritmo, entonação, fluência, pontuação e pausas.

Chiamenti (1984, p. 88) já discutia alguns aspectos da leitura oral expressiva, dizendo que:

- **dicção** é a maneira de pronunciar clara e distintamente cada sílaba, cada vocábulo, cada frase, na fala ou na leitura oral sonora. É a arte de pronunciar os vocábulos com a máxima perfeição mecânica possível;

- **ritmo** é a ordem e a proporção no espaço e no tempo. É a pausa rítmica que regula a marcha da fala ou da leitura em voz alta;

- **entonação** são as inflexões de voz na fala ou na leitura oral. É a linha melódica determinada pela variação de tons das sílabas no encadeamento das palavras e das frases. A entonação existe ao natural na fala. Quando o discurso é escrito, existem os sinais de pontuação que procuram assimilar a entonação, sugerindo ou indicando as pausas;

- **pausa** – a pausa pode ser definida como o silêncio momentâneo;

- **fluência** é um falar ou ler não isolando as palavras entre si, mas encadeando-as em grupos de força ou unidades de pensamento. A fluência de leitura exige um avanço visual de várias palavras sobre aquela que se está lendo; de outro modo, o leitor não poderá interpretar o significado;

- **pontuação** é o conjunto de sinais que representam, na língua escrita, as pausas e a entonação da língua falada.

A aplicação desses instrumentos teve como objetivo verificar se o ganho, no pós-teste, do grupo experimental, submetido a um treinamento com atividades de leitura oral expressiva, é maior que a do grupo de controle, não submetido ao mesmo tratamento.

4.3.2 Aplicação dos Instrumentos

4.3.2.1 Aplicação-piloto

Cabe aqui ressaltar a importância de realizar a aplicação-piloto com o objetivo de aperfeiçoar o instrumento.

Foi, então, realizada uma aplicação-piloto do teste de compreensão leitora (Anexo B) com um grupo, que não o de controle ou experimental, mas com as mesmas características dos sujeitos da pesquisa, quais sejam: alunos de terceira série do Ensino Fundamental, provenientes da mesma escola dos sujeitos e com idade entre oito e nove anos.

Neste grupo havia 24 alunos e, alguns deles, inicialmente, tiveram dificuldades em interpretar algumas questões, que foram reformuladas. Outras, porém, foram mantidas, pois o objetivo era realmente verificar o grau de compreensão que o sujeito possui para, por exemplo, voltar ao texto e identificar o significado da palavra através do contexto. As questões 1, 2 e 3 foram mantidas com este propósito, porém colocadas em ordem diferente da ordem utilizada na aplicação-piloto. As questões 4 e 7 foram eliminadas, pois não apresentaram qualquer dificuldade em responder. Além disso, a questão 4 poderia ser respondida corretamente sem o texto. As questões 5, 6, 8, 9 e 10 foram reformuladas para uma melhor compreensão pelo sujeitos.

4.3.2.2 Aplicação definitiva dos instrumentos

O pré-teste foi aplicado aos sujeitos da pesquisa: grupo de controle e grupo experimental. Os dois grupos realizaram o teste no mesmo dia, trabalhando individualmente, sem qualquer tipo de consulta, e foram instruídos a ler as questões atentamente e a não deixar qualquer pergunta em branco.

Não foi estipulado um tempo determinado para os alunos realizarem o teste, pois, tratando-se de crianças de oito e nove anos, na terceira série, os sujeitos não poderiam sentir-se pressionados. Portanto, eles tiveram a oportunidade de realizar a tarefa de forma tranqüila e a maioria dos sujeitos acabou depois de 30 minutos do início da prova.

As atividades específicas de leitura oral (Anexo D) envolveram apenas o grupo experimental (GE) e tiveram início oito dias após a aplicação do pré-teste. Houve seis encontros, de aproximadamente 1 hora e meia de duração, no período de um mês e meio, para a realização do treinamento. Houve algumas alterações de

datas no decorrer do treinamento devido a feriados ou atividades extras no calendário escolar da escola.

Foram utilizadas três fábulas: “O macaquinho travesso”, “Rapunzel” e “O fazendeiro, seu filho e o burro”.

O treinamento foi baseado em fábulas, que são pequenas narrativas que tratam de certas atitudes humanas, como a disputa entre os fortes e fracos, a esperteza, a ganância etc. A fábula pode ter uma moral escrita no final da estória ou ela pode estar implícita.

A origem das fábulas é incerta. Sabemos, no entanto, que são muito antigas. Provavelmente, as primeiras fábulas foram contadas na Bíblia. Muitas das fábulas que , hoje, conhecemos vieram de três lugares diferentes:

- a) Grécia – as fábulas de Esopo;
- b) Índia - são mais longas e mais complexas que as de Esopo ;
- c) França – as fábulas de LaFontaine, que reescreveu muitas das fábulas de Esopo.

Como a pesquisa envolve leitura oral expressiva, optamos por trabalhar, inicialmente, com fábulas narradas em CD (as duas primeiras estórias), pois assim, os sujeitos teriam suas atenções voltadas para aspectos da leitura oral: dicção, entonação, ritmo e pausas.

Todos os encontros foram ministrados apenas pela pesquisadora, mas com a presença da professora regente.

No primeiro encontro do treinamento foi entregue a cada sujeito uma folha pautada, onde eles deveriam escrever seus nomes.

Inicialmente, foram feitas algumas perguntas orais introdutórias sobre a realização ou não da “hora do conto”, em suas casas, e “quem conta” essas estórias a eles.

A primeira fábula, O macaquinho travesso, foi dividida em duas partes, para fins de apresentação: a primeira, vai do início até o momento em que o narrador diz: “Mais adiante”, e a segunda, começa na fala do padeiro até o final da estória.

Os alunos escutaram a primeira parte por duas vezes. Como a estória é musicada e a fala dos personagens é muito engraçada, os sujeitos mostraram-se atentos a cada detalhe.

Como essa foi a primeira fábula, decidimos dar algum tempo aos sujeitos para começar a assimilar a metodologia da pesquisa. Por isso, resolvemos começar

com perguntas orais baseadas na estória que os sujeitos ouviram. Portanto, assim que eles ouviram a fábula por duas vezes, sem ter acesso ao texto escrito, fizemos as perguntas orais cujas respostas foram escritas na folha pautada que cada sujeito recebeu no início da aula.

Os alunos ficaram atentos às instruções e não tiveram grandes problemas para entender as perguntas orais que fizemos a respeito do que eles ouviram. A maioria dos alunos respondeu certo às questões orais.

As correções das questões foram feitas oralmente e por todo o grupo. Aqueles que quisessem responder as perguntas deveriam levantar o braço para que nós os chamássemos. E assim foi feito.

No segundo encontro, uma semana depois da primeira aula, foram feitas as seguintes perguntas orais para que os sujeitos relembassem a fábula que escutaram:

- a) Que personagens aparecem nesta primeira parte da estória?
- b) O macaco fez uma travessura. Qual é e por que ele fez isto?
- c) No caminho para o mato, Simão encontra alguém. Quem ?
- d) O que acontece entre os dois?

Os sujeitos foram muito receptivos e responderam correta e oralmente às perguntas acima. Na seqüência , colocamos uma cartolina no quadro-negro e escrevemos os personagens da primeira parte da fábula da seguinte forma:

Narrador	}	Macaco Simão
		Barbeiro
		Vendedor de peixe

Foi deixado, propositalmente, um espaço dentro da chave para os outros personagens, que foram inseridos à medida que apareciam na segunda parte da estória.

Em seguida, lemos para os alunos, algumas de suas respostas à nossa última pergunta da aula anterior: “O que acontecerá no seguimento da estória?”

Mais uma vez, os alunos mostraram-se envolvidos na atividade, pois, à medida que suas respostas eram lidas, eles faziam questão de dizer “Esta é a minha¹ resposta”; orgulhosos, de certa maneira, de sua participação.

Antes dos sujeitos ouvirem a segunda e última parte da fábula, foi-lhes entregue, novamente, uma folha pautada, onde eles escreveram seus nomes e apenas as respostas das perguntas orais (Anexo D) que fizemos sobre a parte final da estória.

Após a correção da primeira pergunta, foram inseridos os personagens da segunda parte da fábula na lista inicial que estava no quadro-negro e, outras três cartolinas coloridas, juntaram-se à primeira. Nessas, foram escritas as falas dos três últimos personagens: o padeiro, o bananeiro e o violeiro.

A instrução da segunda questão foi escrita no quadro-negro para que os alunos soubessem realmente o que deveriam fazer. O objetivo desta questão é de verificar a habilidade dos sujeitos em utilizar as palavras do texto – com isso, eles estariam focalizando a rima, que é um aspecto da leitura oral – ou parafrasear o conteúdo textual – que é uma estratégia de leitura.

A correção deste exercício foi muito produtiva, pois os alunos deveriam ir ao quadro-negro e ler e apontar, nas respectivas cartolinas, as respostas. Inicialmente, foram chamados alguns voluntários para tal tarefa, mas a maioria queria participar, o que mostrou-nos, mais uma vez, o envolvimento dos sujeitos nas atividades propostas.

O objetivo da terceira tarefa era a conscientização dos sujeitos no uso da entonação, ritmo, rima e pausas. Após escutar a parte final da estória mais uma vez, foram feitas perguntas indutivas sobre a maneira como os personagens cantavam e falavam, dando ênfase ao ritmo e rimas. Os alunos dividiram-se em grupos e foi feita a primeira gravação em áudio do grupo de alunos, quando eles leram os versos escritos nas cartolinas. Eles foram instruídos a tentar “imitar” a fala dos personagens.

¹ A palavra grifada serve para mostrar a ênfase dada pelo aluno.

Para o terceiro encontro, foi preparado um jogo de cartas (Anexo D). De um lado de cada carta (ou cartela) havia a figura de um dos personagens e, do outro lado, uma de suas falas. Cada personagem teve suas falas divididas e colocadas em cada cartela, da seguinte forma:

- a) narrador = 7 falas = 7 cartelas;
- b) barbeiro = 5 falas = 5 cartelas;
- c) macaco = 7 falas = 7 cartelas;
- d) vendedor de peixes = 4 falas = 4 cartelas;
- e) padeiro = 4 falas = 4 cartelas;
- f) bananeiro = 3 falas = 3 cartelas;
- g) violeiro = 4 falas = 4 cartelas;

Portanto, o jogo constitui-se de 34 cartelas para contar toda a fábula.

A instrução para o jogo foi a seguinte: primeiramente, os alunos deveriam formar grupos:

- a) 5 grupos de 4 sujeitos;
- b) 1 grupo de 7 sujeitos.

Os sujeitos de cada grupo eram dispostos em círculos no chão. Foram confeccionados 6 conjuntos de cartelas, sendo que dois deles contavam apenas a primeira parte da fábula; outros três, contavam a segunda parte e um deles contava a fábula por inteiro.

Os conjuntos de cartelas foram distribuídos da seguinte forma:

- a) 2 grupos receberam cartelas da primeira parte;
- b) 3 grupos receberam cartelas da segunda parte;
- c) 1 grupo recebeu cartelas de toda a estória.

No momento em que os grupos estavam em círculos, procedemos à explicação do jogo: cada grupo ganhou um conjunto de cartelas, ou baralho, que deveria ficar no chão, no centro do círculo, com as figuras para cima. Damos um número para cada aluno (de 1 a 4 e de 1 a 7). Cada sujeito deveria “pescar” uma carta do baralho, ler a fala do personagem em questão e colocá-la também no centro do grupo, mas desta vez, com a fala para cima. À medida que os sujeitos fossem lendo as falas de suas cartas “pescadas”, eles deveriam montar a seqüência da estória, seja ela da primeira parte, da segunda ou toda ela.

Tendo a seqüência pronta, os alunos foram sorteados por nós para serem os personagens respectivos de sua estória. Cabe aqui ressaltar que não foi dada aos

alunos a chance de escolher que personagem gostariam de representar, pois ,como crianças que são, acabam por demorar mais tempo nesta escolha.

A seguir, foi dada uma explicação sobre entonação, ritmo, rima, pausa e pontuação utilizando os cartazes que estavam no quadro-negro e que continham as falas de alguns personagens da fábula.

Em seguida, foi tocado o cd novamente; então, os alunos ensaiaram a contação da estória.

Houve a apresentação dos grupos numa tentativa, até certo ponto, hilariante, por parte dos próprios sujeitos, de tentar imitar a voz dos personagens.

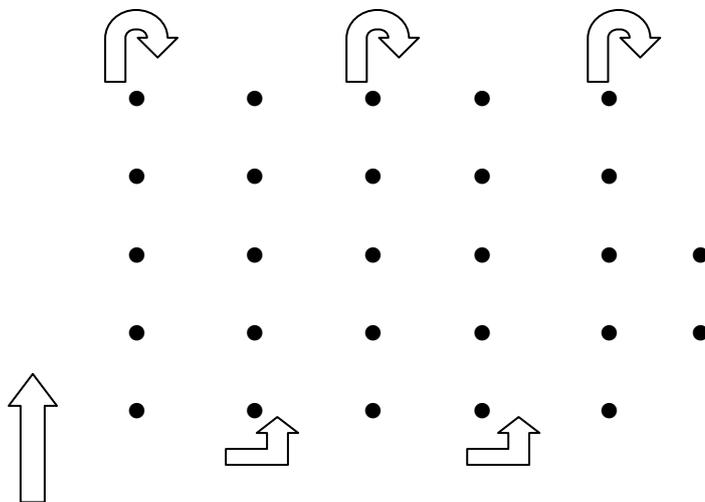
Essa apresentação foi gravada em áudio, o que deixou os alunos ainda mais motivados para fazer uma ótima apresentação.

No quarto encontro, foi trabalhada a fábula “Rapunzel”, narrada em forma de versos “falados” e “musicados”. (Anexo D)

No início da aula, a palavra “Rapunzel” foi escrita no quadro-negro e perguntado aos alunos se eles conheciam aquela estória. Todos, sem exceção, disseram que a conheciam e alguns deles apontaram detalhes da estória.

A fábula foi escrita em versos, de acordo com a apresentação no cd, o que resultou em 8 páginas digitadas para melhor manuseio dos sujeitos. Na sala de aula, havia seis fileiras de alunos: cinco fileiras com 5 alunos e uma, com dois alunos, totalizando 27 sujeitos. Cada página , na seqüência da fábula, foi entregue aos alunos da seguinte maneira:

Fileiras dos sujeitos:



Pesquisadora

Foram feitas 4 cópias da estória. Portanto, cada fileira tinha uma página diferente da fábula, mas o grupo tinha a estória completa. Sobraram as 5 páginas finais da estória que permaneceram com a pesquisadora.

Os alunos foram instruídos a fazer duas leituras silenciosas da página que tinham à sua frente. Os alunos com a mesma página reuniram-se em grupos para compartilhar uma leitura oral. Foi solicitado um representante de cada grupo para ler suas respectivas páginas. Cada um deles foi à frente da classe para fazer a leitura oral, enquanto a pesquisadora gravava a apresentação em áudio.

Antes de tocar o cd com a fábula de Rapunzel, foi solicitado aos alunos para prestarem muita atenção na estória, pois a próxima tarefa era de comparar as suas leituras com as falas dos personagens.

Assim que começaram a ouvir o cd, os alunos mostraram-se receptivos àquelas canções, pois eles as acompanhavam fazendo movimentos com braços e/ou caretas, quando a bruxa aparecia. Em resumo, acreditamos que, assim como aconteceu com a primeira fábula, os alunos realmente mostraram que estavam gostando e, principalmente, acompanhando positivamente, as atividades na sala de aula.

Ao final da estória, foram surgindo as seguintes comparações dos alunos:

- a) “Na nossa leitura não tinha cantos”.
- b) “Nós lemos muito rápido”;
- c) “Parecia que as vozes deles subiam e desciam”;
- d) “O tom de voz era diferente”;
- e) “A voz da bruxa era diferente”;
- f) “A voz deles era de adultos”;
- g) “O ritmo era diferente”.

Para continuar a atividade, foram colocadas cartolinas coloridas no quadro-negro, mostrando exemplos de falas de 4 personagens diferentes da fábula Rapunzel:

- a) o narrador;
- b) a bruxa;
- c) a Rapunzel;
- d) o príncipe.

Esses exemplos foram selecionados para mostrar aos sujeitos a troca de tons de voz e a influência da pontuação na hora da fala.

O cd foi tocado uma vez mais para que os alunos prestassem atenção ao ritmo e a outros aspectos de uma leitura oral, já relatados anteriormente.

Foram solicitados quatro voluntários para ir à frente da classe e ler os versos escritos nas cartolinas. Como muitos queriam também ler, chamamos mais quatro para fazer a leitura. Essas oito apresentações foram gravadas em áudio, o que mais uma vez, mostrou um ótimo desempenho dos sujeitos.

No quinto encontro, utilizamos as mesmas cartolinas com alguns dos versos dos quatro personagens. Falamos na dicção, na clareza com que as palavras devem ser ditas. Os alunos não devem fechar a boca para ler o que está escrito. Se na hora da leitura, o aluno tropeçou na palavra ou falou errado, é melhor voltar à frase anterior para tentar acertar, pois pode não entender o que leu.

A dicção é um elemento da expressividade. Contudo, ela está mais relacionada com a recodificação do que com a decodificação. A entonação e o ritmo relacionam-se mais fortemente com a compreensão do que a dicção, porque aqueles são elementos ligados à decodificação.

Propositalmente, lemos alguns versos sem dar ritmo algum à fala e foi perguntado aos alunos se a leitura estava certa e o que estava faltando. Prontamente, a maioria deles concordou que a leitura deveria ser “nem muito rápida, nem muito lenta”.

Houve mais algumas explicações relacionadas às pausas, obedecendo sempre à pontuação e ao significado que os grupos de palavras podem transmitir. Com respeito a esse último detalhe foi colocado, no quadro-negro, a seguinte frase:

O João é um ótimo aluno que gosta muito de ler.

Foram dados exemplos de leitura com pausas erradas utilizando a mesma frase, tais como:

O João é um /² ótimo aluno que gosta muito de ler.

O João é um ótimo /² aluno que gosta muito de ler.

Esses exemplos serviram para mostrar aos alunos que as palavras são lidas em “grupos de idéias”, o que foi de fácil entendimento por parte de todos os sujeitos.

Nesse quinto dia de treinamento, o cd com a estória de Rapunzel foi tocado uma vez mais e foi solicitado a alguns voluntários que fizessem uma leitura oral expressiva das páginas com os versos da fábula que cada um possuía, levando em

² Este sinal serve para mostrar a pausa realizada.

consideração todos os aspectos que vimos a respeito de leitura oral. Esta leitura foi gravada em áudio.

A seguir, foram distribuídas questões de compreensão da estória. (Anexo D).

Os sujeitos responderam as questões baseados :

- a) na página que cada um possuía a respeito de uma parte da estória;
- b) nas suas memórias, pois o cd com toda a estória foi tocado várias vezes;
- c) em seus conhecimentos prévios, pois todos disseram que já conheciam a fábula de Rapunzel.

A correção dos exercícios foi feita oralmente com a contribuição, não só dos alunos mais participativos, mas também daqueles que, inicialmente, mostravam-se mais reservados. Dessa forma, podemos dizer que a realização de atividades que envolvam os alunos proporciona um ambiente de integração mais propício para o processo ensino-aprendizagem.

As questões de compreensão do texto Rapunzel foram divididas em três tipos:

- a) múltipla escolha;
- b) verdadeiro ou falso;
- c) perguntas dissertativas.

Não houve problemas de interpretação do enunciado nas questões de compreensão, o que pode ser constatado nas respostas corretas da maioria dos sujeitos.

No sexto dia de treinamento, foi trabalhada a fábula de Esopo “O fazendeiro, seu filho e o burro”. (Anexo D).

O texto foi lido pela pesquisadora dando ênfase aos aspectos da leitura oral expressiva já trabalhados anteriormente: ritmo, dicção, entonação e pausas.

Foram solicitados voluntários para ler algumas frases do texto e, posteriormente, os sujeitos opinaram a respeito de seus desempenhos e de seus colegas no que diz respeito a uma boa leitura oral expressiva.

Para finalizar a aula, foram distribuídas questões de compreensão do texto lido. (Anexo D). Para finalizar a aula, foram distribuídas questões de compreensão do texto lido, que foram corrigidas oralmente. Durante a correção, os alunos mostraram-se participativos em compartilhar as suas respostas.

No final de um período de aproximadamente dois meses depois da realização do pré-teste, os sujeitos do grupo de controle e grupo experimental realizaram o pós-teste, porém de maneira diferenciada de um grupo para outro: ao grupo controle, foi aplicado o mesmo procedimento do pré-teste; contudo, a aplicação do pós-teste para o GE foi feita individualmente. As instruções que esses sujeitos receberam para essa etapa foram as seguintes: cada aluno fez (1) uma leitura silenciosa do texto para, então, ler em voz alta. Essa leitura foi gravada em áudio.

A seguir, cada aluno respondeu, por escrito, as perguntas de compreensão do texto. O objetivo desse procedimento é verificar se as atividades específicas de leitura oral foram suficientes para facilitar a compreensão de textos.

Conforme apresentado no item referente à população e amostra, o pré-teste foi realizado por vinte e oito sujeitos no grupo de controle e vinte e sete sujeitos no grupo experimental. Contudo, no dia da aplicação do pós-teste faltaram dois sujeitos no grupo de controle e um sujeito no grupo experimental, os quais foram eliminados da pesquisa, pela impossibilidade de análise quanto ao ganho apresentado após a última aplicação do instrumento. Assim, foram computados nos resultados da pesquisa os escores de vinte e seis sujeitos tanto no grupo de controle quanto no experimental, que realizaram o pré e pós-teste de compreensão leitora.

4.4 Levantamento e Computação de Dados

O levantamento dos dados do pré-teste e pós-teste de compreensão leitora foi realizado da seguinte maneira:

O pré-teste foi aplicado tanto ao grupo de controle quanto ao grupo experimental, corrigido e somados os escores dos sujeitos. Foi dado um ponto para cada acerto, perfazendo um total de 10 pontos.

Após o término das atividades de leitura oral expressiva, aproximadamente dois meses após a aplicação do pré-teste, foi aplicado o pós-teste no grupo de controle e grupo experimental. Os procedimentos foram os mesmos: aplicação do instrumento, correção e pontuação do número de acertos.

Cabe aqui ressaltar uma diferença no número de sujeitos entre o pré-teste e o pós-teste: 28 sujeitos do grupo de controle e 27 no grupo experimental realizaram o pré-teste; enquanto 26 sujeitos , tanto para o grupo de controle quanto para o grupo experimental, estavam presentes no dia do pós-teste. Assim, foram computados, nos resultados do nosso estudo, os escores de 26 sujeitos para o pré e pós-teste de compreensão leitora.

Os dados sobre os escores obtidos no pré e pós-teste do grupo experimental e de controle geraram duas tabelas registradas a seguir:

TABELA I - RESULTADOS DO PRÉ E PÓS-TESTE DE COMPREENSÃO LEITORA DO GRUPO DE CONTROLE (GC)

Sujeito	Escore Pré-Teste	Escore Pós-Teste
1	7	7
2	9	10
3	3	4
4	2	4
5	7	6
6	7	6
7	5	3
8	5	6
9	8	9
10	4	5
11	7	7
12	7	9
13	3	3
14	6	7
15	8	8
16	8	3
17	4	5
18	9	9
19	9	9
20	6	9
21	6	5
22	6	7
23	7	7
24	6	1
25	7	7
26	5	2
Total	161	158

TABELA II – RESULTADOS DO PRÉ E PÓS-TESTE DE COMPREENSÃO
LEITORA DO GRUPO EXPERIMENTAL (GE)

Sujeito	Escore Pré-Teste	Escore Pós-Teste
1	9	10
2	9	10
3	4	6
4	6	7
5	9	10
6	7	8
7	1	4
8	8	9
9	5	7
10	7	7
11	6	7
12	7	10
13	3	5
14	5	7
15	7	8
16	4	7
17	8	10
18	7	9
19	4	6
20	4	6
21	7	8
22	6	8
23	9	10
24	5	8
25	8	10
26	9	10
Total	164	207

4.5 Avaliação das Hipóteses

Comparando-se os escores dos sujeitos nos dois testes (pré e pós), observa-se que, enquanto o grupo experimental apresentou um crescimento nos seus escores, o grupo de controle obteve um decréscimo nos seus escores.

Após o levantamento dos escores dos sujeitos no pré-teste e pós-teste de compreensão leitora, foi utilizado o esquema de Hayman, mencionado anteriormente. De acordo com aquele esquema, no qual $GGC = M3 - M1$ e $GGE = M4 - M2$, chegamos aos seguintes resultados:

$$GGC = 158 - 161 = -3$$

$$GGE = 207 - 164 = 43$$

Ao ser avaliada a hipótese estatística $GGE \neq \emptyset$; $GGE > GGC$, chegou-se aos seguintes resultados:

$$43 \neq \emptyset ; 43 > -3$$

Verifica-se, portanto, que o resultado da diferença entre os escores alcançados pelo grupo experimental no pós-teste foi diferente de zero e significativamente maior que o escore obtido pelo grupo de controle.

Após calcular as diferenças entre os escores do pré e pós-teste nos dois grupos, foi aplicado o teste *t de Student*, para comparação de dois grupos independentes, para comparação entre as médias:

TABELA III – TESTE *T DE STUDENT* PARA COMPARAÇÃO DAS DIFERENÇAS PÓS-PRÉ ENTRE O GC E O GE

Grupo	n	Pré	Pós	Ganho
		Escore	Escore	Escore
Grupo controle	26	161	158	-3
Experimental	26	164	206	43

Valor da estatística $t = 4,23$ ($p < 0,01$)

Houve uma diferença estatisticamente significativa ao nível de 1% pelo teste *t* de Student para comparação de duas médias.

Em termos percentuais, o grupo de controle apresentou uma DIMINUIÇÃO de 1,86% na nota média, enquanto o grupo experimental apresentou um AUMENTO de 25,61%.

A hipótese dessa pesquisa afirma que a compreensão leitora é facilitada pela aplicação de determinadas atividades de leitura oral. Segundo a análise acima, o valor encontrado através do teste *t* de student de 4,23, mostra que houve uma diferença significativa entre o ganho do grupo experimental em relação ao grupo de controle no pós-teste de compreensão leitora. Dessa forma, a hipótese operacional da pesquisa foi corroborada, mostrando que houve um aumento significativo no pós-teste, devido às atividades de leitura oral.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Há muitas controvérsias em relação à prática da leitura oral em sala de aula.

A leitura oral é uma ferramenta eficaz não somente para a prática da pronúncia e fluência, mas também para facilitar a compreensão textual. Contudo, há ainda muitos professores contrários à prática dessa atividade, dizendo que é uma perda de um tempo valioso dentro da sala de aula. Eles argumentam que, enquanto um aluno lê algum texto em voz alta, os outros não prestam a atenção necessária e acabam perdendo o interesse.

No entanto, a primeira atitude do professor é explicar os objetivos das atividades em leitura oral. Dessa forma, eles estarão mais concentrados na compreensão textual da leitura.

O objetivo desta pesquisa era de corroborar a hipótese de que o grupo experimental, submetido a um treinamento em leitura oral, teria, no final um grau de compreensão leitora superior ao do grupo de controle, que não recebeu semelhante tratamento.

As atividades realizadas obtiveram um resultado positivo na nossa pesquisa, pois os elementos essenciais de uma leitura oral – entonação, fluência, ritmo e pausas – estavam presentes nos três textos trabalhados em sala de aula. Além disso, esses aspectos foram apresentados de maneira lúdica – uma característica importante para o ensino nas séries iniciais.

A diferença do pós e pré-teste do grupo experimental mostrou que esse grupo teve um acréscimo de 25,61%. Enquanto a diferença do pós e pré-teste do grupo de controle mostrou que esse grupo teve uma diminuição de 1,86%.

Considera-se que tal diferença nos resultados do grupo de controle e grupo experimental deve-se ao fato de que o GE mostrou possuir uma melhor consciência do valor da leitura oral para a compreensão leitora do que o GC – devido às atividades específicas.

A leitura oral é a base para o desenvolvimento da capacidade de ler e escrever (BREDEKAMP; COPPLE; NEUMAN, 2000). Ela aumenta o interesse do ouvinte por livros e por querer tornar-se um leitor. (MOONEY, 1990)

Ao ouvir alguém ler, o ouvinte pode desenvolver certas habilidades, como, por exemplo, querer saber como a estória é escrita, assim como, ter familiaridade

com certas convenções literárias, por exemplo: “Era uma vez ...” ou “E foram felizes para sempre”. (BREDEKAMP; COPPLE; NEUMAN, 2000)

As crianças ouvem histórias cujo nível de linguagem pode ser superior àquele em que lêem. Assim, a leitura oral torna as idéias complexas de um texto mais acessíveis e expõe as crianças a um vocabulário e a padrões de linguagem que não fazem parte do seu dia-a-dia. Conseqüentemente, isso ajudará as crianças a compreender a estrutura de livros no momento em que partirem para leituras mais independentes. (FOUNTAS; PINNELL, 1996).

A leitura oral também expõe leitores menos proficientes ao mesmo tipo de leituras ricas e atraentes as quais leitores mais fluentes estão acostumados, o que faz com que àqueles queiram tornar-se mais competentes em leitura.

A leitura, feita pelo simples prazer de ler ou para obter informações – ler um romance ou um jornal – é um processo realizado, normalmente, de maneira silenciosa na vida real. Contudo, podemos ler um trecho de uma história a um amigo, caso haja interesse por parte dele.

Na leitura silenciosa, há um processo de sonorização das palavras nas nossas mentes; contudo, isso é considerado um sub-produto do processo de compreensão para os leitores proficientes. (JUST; CARPENTER, 1987; SEIDENBERG, 1990).

Alguns leitores costumam mover seus lábios, como se estivessem sussurrando as palavras do texto, enquanto lêem. Isso pode indicar um grau de dificuldade deste leitor na compreensão textual e merece, portanto, muita atenção do professor.

A leitura oral requer a mesma atenção a todas as palavras do texto, uma vez que elas precisam ser lidas em voz alta para que também o ouvinte tenha a devida compreensão.

Segundo Bygate (1987), ler em voz alta pode ser um trabalho árduo e difícil, pois não estamos acostumados a tal tarefa.

Partindo desse ponto de vista, podemos levantar duas perguntas importantes e interligadas:

- a) Que tipos de textos podem ser lidos em voz alta pelos nossos alunos?
- b) Como os exercícios realizados através da leitura oral devem ser organizados e executados na sala de aula?

Examinando as situações em que um texto deve ser lido em voz alta na vida real, podemos dividi-las em dois grandes grupos:

- a) Ler uma história para uma criança, bem como ler trechos ou resumos de um artigo, por exemplo, a alguém que se interesse pelo conteúdo do mesmo;
- b) Reportagens de rádio e televisão, discursos e palestras.

Nesses dois grupos, há um objetivo claro e real para a leitura em voz alta, como também um público-alvo mais ou menos definido. Além disso, na maioria dos casos, aqueles textos são especificamente escritos para serem lidos em voz alta.

Alguns autores mostram que a leitura oral deve ser restrita a certos grupos para desenvolver habilidades específicas. Segundo Eysenck (1990), Eysenck e Keane (1990) e Rayner e Pollatsek (1989), a leitura oral é amplamente usada nas séries iniciais com o objetivo primeiro de ajudar as crianças a ligar os sons com os símbolos da língua escrita.

Alguns leitores, ao ler em voz alta, podem ser competentes no que diz respeito à pronúncia de palavras isoladas, mas fracassam na compreensão do significado real do que estão lendo.(WALLACE, 1992). Experimentos em processos de leitura comprovam que sujeitos podem ter uma pronúncia correta de palavras que não existem (chamadas de *non-words*) sem, no entanto, compreendê-las. (BESNER, 1990).

Embora esses últimos autores mencionados contestam a real eficácia da leitura oral para a compreensão de textos em universos além de séries iniciais, podemos dizer que ela trabalha com características prosódicas da língua, o que possibilita uma maior compreensão. Além disso, leituras mal feitas podem ajudar a identificar problemas de interpretação de texto.

A partir dos achados dessa pesquisa, verifica-se a possibilidade de utilização da leitura oral na compreensão de textos. Ela não só desenvolve a fluência e reforço de vocabulário, entre outros aspectos, como também habilidades metacognitivas através da auto-correção.

Por fim, sugerimos futuros trabalhos para dar continuidade ao tema aqui exposto, pois a aprendizagem da leitura deve ser uma atividade contínua, crescente e merecedora de novos e constantes estudos.

6 CONCLUSÃO

A leitura oral é um processo complexo no qual o leitor faz a ligação entre o autor e os ouvintes através de sua própria compreensão e interpretação do texto lido. A leitura oral mostra não somente a relação entre a palavra impressa e seu significado, mas promove uma compreensão mais ampla, no momento em que o leitor entende que as palavras contam uma estória e transmitem uma informação. Dessa forma, o leitor é convidado a “conversar” com o autor.

O objetivo da presente pesquisa foi verificar se a aplicação de determinadas atividades de leitura oral facilita a compreensão de textos. Os sujeitos deste estudo foram alunos da terceira série do Ensino Fundamental de uma escola da rede particular de Porto Alegre.

Procurou-se verificar se houve ganhos estatísticos nos escores de compreensão leitora através da utilização de diferentes atividades de leitura oral. Essas atividades foram aplicadas durante um período de dois meses, entre o pré-teste e o pós-teste de compreensão leitora.

Foi possível constatar que as atividades realizadas contribuíram para um aumento no nível de compreensão leitora. Além disso, fatores como motivação e ludicidade devem estar presentes na elaboração das atividades.

A partir dos resultados desta pesquisa, conclui-se que podem existir caminhos diferentes para enfrentar os desafios do ensino da leitura no Brasil. O trabalho aqui exposto não pretende esgotar todos os aspectos relativos à leitura oral, mas mostrar que ela ainda pode ter um espaço garantido no processo de ensino/aprendizagem. Dessa forma, queremos registrar que permanecem várias possibilidades para pesquisas futuras, pois a aprendizagem da leitura é um processo contínuo e crescente que se estende por toda a vida.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, R. C.; SHIFRIN, Z. The meaning of words in context. In: SPIRO, R.J.; BRUCE, B. C.; BREWER, W.F. (Eds.), **Theoretical Issues in Reading Comprehension**. Hillsdale: Erlbaum, 1980.

BESNER, D. Does the Reading need a Lexicon? In: BALOTA, D. A.; FLORES D'ARCAIS, G.B; RAYNER, K. (Eds.). **Comprehension Processes in Reading**. Lawrence: Erlbaum Associates, 1990.

BREDEKAMP, S.; COPPLE, C.; NEUMANN, S. B. **Learning to Read & Write: developmentally appropriate practices for young children**. Washington, D.C.: National Association for the Education of Young Children, 2000.

BYGATE, M. **Speaking**. Oxford University, 1987.

CONDEMARIN, M.; GALDAMES, V.; MEDINA, A. **Oficina de Linguagem: módulos para desenvolver a linguagem oral e escrita**. São Paulo: Moderna, 1997.

CHIAMENTI, F. **Leitura oral: desempenho e avaliação**. Letras de Hoje, n.58, 1984. Porto Alegre, p.85-103.

DREHER, M.J.; SINGER, H. The validity of the instantiation hypothesis. **Journal of Reading Behavior**, n. 13, p. 223-236, 1981.

EYSENK, M. W. **The Blackweel of Dictionary Cognitive Psychology**. Blackweel, 1990.

EYSENK, M. W; KEANE, M. T. **Cognitive Psychology**. Lawrence: Erlbaum Associates, 1990.-

EYSENK, M. W; KEANE, M. T. **Psicologia Cognitiva: um manual introdutório**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FARR, Roger; CAREY, Robert F. **Reading: What can be measured?** Newark: International Reading Association, 1986.

FUNTAS, I. C; PINNELL, G. S. **Guided Reading: good first teaching for all children**. Portsmouth: Heinemann, 1996.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico** – explicitação das normas da ABNT. 13. ed. Porto Alegre: Brasul, 2005.

GARNER, R. **Metacognition and Reading Comprehension**. Norwood: Ablex, 1988.

GOODMAN, K.S. Psycholinguistic Universals in the Reading Process. In: PIMSLEUR, P.; QUINN, T. (Eds.). **The Psychology of Second Language Learning**. Cambridge: Cambridge University, 1971.

GODDMAN, K. S. Reading: a Psycholinguistic Guessing Game. In: SINGER, H; RUDELL, R. (Eds.). **Theoretical Models and Processes of Reading**. Newark: International Reading Association, 1976. p. 497-508.

HAYMAN, John L. **Investigación y Educación**. 4. ed. Buenos Aires: Paidós, 1978.

JUST, M. A; CARPENTER, M. A. **The Psychology of Reading and Language Comprehension**. Allyn & Bacon, 1987.

KATO, Mary. **O Aprendizado da Leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da Leitura: uma perspectiva psicolingüística**. Porto Alegre: Sagra-Luzzato, 1996.

LEFFA, Vilson J. Perspectivas no Estudo da Leitura: texto, leitor e interação social. In: LEFFA, Vilson; PEREIRA, Aracy. (Org.). **O Ensino da Leitura e Produção Textual: alternativas de renovação**. Pelotas: Educat, 1999. p. 13-37.

MOONEY, M. M. **Reading to, With, and by Children**. Katunah: Richard C. Owen, 1990.

POERSCH, José Marcelino; AMARAL, Marisa P. Como as Categorias Textuais se Relacionam com a Compreensão em Leitura. **Veritas**, Porto Alegre, n.35, p. 77-89, 1989.

POERSCH, José Marcelino. O Leitor como Intérprete das Pistas que o Escritor Insere no Texto. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, vol. 28, n. 4, p. 9-24, dez.1993.

POERSCH, José Marcelino. The Connectionism and the Cognitive Processes Related to Reading. In: WORLD CONGRESS OF APPLIED LINGUISTICS, 12., 1999, Tóquio. **Proceedings...** . Tóquio: Associação Internacional de Lingüística Aplicada, 1999.

RAYNER, K.; POLLATSEK, A. **The Psychology of Reading**. Prentice Hall, 1989.

RUMELHART, D. Understanding Understanding. In: FLOOD, James (Ed.) **Understanding Reading Comprehension**. Newark: IRA, 1984.

RUMELHART, D. E; McCLELLAND, J. L. On Learning the Past Tense of English Verbs. In: MCLELLAND, D. E. RUMELHART, J. L.; The PDC Research Group. **Parallel Distributed Processing**: explorations in the microstructure of cognition. Cambridge: MIT, 1986. v.2. p. 216-271.

SEIDENBERG, M. S. Lexical Access: another theoretical Soupstone? In: BALOTA, D. A.; FLORES D'ARCAIS, G.B; RAYNER, K. (Eds.). **Comprehension Processes in Reading**. Lawrence: Erlbaum Associates, 1990.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. Uma Abordagem Psicolingüística da Leitura. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE LINGUAGEM E ENSINO, 2., 1999, Pelotas. **Anais...** Pelotas, 1999.

VAN DICK, T.; KINTSCH, W. **Strategies of Discourse Comprehension**. New York: Academic, 1983.

WALLACE, C. **Reading**. Oxford University, 1992.

ANEXO A - QUESTIONÁRIO DE ANÁLISE DOS TIPOS DE LEITURAS DOS SUJEITOS DO GRUPO EXPERIMENTAL

Nome:

Idade:

Série:

- 1) Você gosta de ler?.....
- 2) Que tipo de leitura você faz? (Se necessário, assinale mais de uma resposta).
 - Revistas em quadrinhos.
Quais?.....
 - Outras revistas.
Quais?
 - Jornais .
Quais?
 - Qual seção? Esporte
 Programas de TV
 Programação de filmes
 Outra (s) Qual?.....
 - Livros . Que tipo de histórias?
 Romance Policial Terror Aventura
 Outro. Qual?
- 3) Quantos livros de histórias você já leu até hoje?.....
- 4) O que é uma fábula?.....

- 5) Cite 3 títulos de fábulas que você conhece.
 a).....
 b).....
 c).....

ANEXO B - APLICAÇÃO-PILOTO

Nome: _____ Idade: _____
 Série: _____ Turma: _____ Prof^a.: _____

LEIA O TEXTO E ASSINALE A RESPOSTA CORRETA

OS MÚSICOS DE BREMEM

Jakob e Wilhelm Grimm

- 1 "Um homem tinha um burro que, há muito tempo, carregava sacos de milho para o moinho. O burro, porém, já estava ficando velho e não podia mais trabalhar. Por isso, o dono tencionava vendê-lo. O pobre animal, sabendo disso, ficou muito preocupado, pois não podia imaginar como seria seu novo dono... e então, para
- 5 evitar qualquer surpresa desagradável, pôs-se a caminho da cidade de Bremen.
 "Certamente, poderei ser músico na cidade", pensava ele.
 Depois de andar um pouco, encontrou um cão deitado na estrada, arfando de cansaço.
- Por que estás assim tão fatigado? perguntou o burro.
- 10 - Amigo, já estou ficando velho e, a cada dia, vou ficando mais fraco. Não posso mais caçar; por isso meu dono queria me entregar à carrocinha. Então, fugi, mas não sei como ganhar a vida.
- Pois bem – disse-lhe o burro. - Minha história é bem semelhante à sua. Vou tentar a vida como músico em Bremen. Venha comigo. Eu tocarei flauta e você
- 15 poderá tocar tambor.
 O cão aceitou o convite e seguiu com o burro. Não tinham andado muito, quando encontraram um gato, muito triste, sentado no meio do caminho.
- Que tristeza é essa, companheiro? - perguntaram-lhe os dois.
- Como posso estar alegre, se minha vida está em perigo? - respondeu o
- 20 gato. - Estou ficando velho e prefiro estar sentado junto ao fogo, em vez de caçar ratos. Por esse motivo, minha dona quer me afogar.
- Ora, venha conosco a Bremen - propuseram os outros. - Seremos músicos e ganharemos muito dinheiro.
- 25 O gato, depois de pensar um pouco, aderiu e acompanhou-os. Foram andando até que encontraram um galo, cantando tristemente, em cima de uma cerca.
- Que foi que lhe aconteceu, amigo? - perguntaram os três.
- Imaginem - respondeu o galo - que amanhã a dona da casa vai ter visitas para o jantar. Então, sem dó nem piedade, ordenou ao cozinheiro que me matasse
- 30 para fazer uma canja.
 Os outros, então, lhe propuseram:
 - Nós vamos a Bremen, onde nos tornaremos músicos. Você tem boa voz. Que tal se nos reuníssemos para formar um conjunto?
 O galo gostou da idéia e, juntando-se aos outros, seguiram caminho.

35 A cidade de Bremen ficava muito distante e eles tiveram que parar numa floresta para passar a noite. O burro e o cão deitaram-se embaixo de uma árvore grande. O gato e o galo alojaram-se nos galhos da árvore.

O galo, que estava bem no alto, olhando ao redor, avistou uma luzinha ao longe, sinal de que deveria haver alguma casa por ali. Disse isso aos companheiros e todos acharam melhor andar até lá, pois o abrigo ali não estava muito confortável.

40 Começaram a andar e, cada vez mais, a luz se aproximava. Afinal, chegaram à casa. O burro, como era o maior, foi até a janela e espiou por uma fresta. À volta de uma mesa, viu quatro ladrões que comiam e bebiam. Transmitiu aos amigos o que tinha visto e ficaram todos imaginando um plano para afastar dali os homens. Por fim, resolveram aproximar-se da janela. O burro colocou-se de maneira a alcançar a borda da janela com uma das patas. O cão subiu nas costas do burro. O gato subiu nas costas do cão e o galo voou até ficar em cima do gato.

Depois, a um sinal combinado, começaram a fazer sua música juntos : o burro zurrava, o cão latia, o gato miava e o galo cacarejava. A seguir, quebrando os vidros da janela, entraram pela casa adentro, fazendo uma barulhada medonha.

Os ladrões, pensando que algum fantasma havia surgido ali, saíram correndo para a floresta. Os quatro animais sentaram-se à mesa, serviram-se de tudo e procuraram um lugar para dormir. O burro deitou-se num monte de palha, no quintal; o cão, junto da porta, como a vigiar a casa; o gato, junto ao fogão, e o galo, numa viga do telhado. Como estavam muito cansados, logo adormeceram.

55 Um pouco além da meia noite, os ladrões, verificando que a luz não brilhava mais dentro da casa, resolveram voltar. O chefe do bando disse aos demais:

- Não devemos ter medo!

E mandou que um entrasse primeiro para examinar a casa. Chegando à casa, o homem dirigiu-se à cozinha para acender uma vela. Tomando os olhos do gato, que brilhavam no escuro, por brasas, tentou neles acender um fósforo. O gato, entretanto, não gostou da brincadeira e avançou para ele, cuspidando-o e arranhando-o. Ele tomou um grande susto e correu para a porta dos fundos, mas o cão, que lá estava deitado, mordeu-lhe a perna. O ladrão saiu correndo para o quintal, mas, ao passar pelo burro, levou um coice. O galo, que acordara com o barulho, cantou bem alto: - Có, có, ró, có!!!!

Sempre a correr, o ladrão foi se reunir aos outros, a quem contou:

70 - Lá dentro há uma horrível bruxa que me arranhou com suas unhas afiadas e me cuspiu no rosto. Perto da porta, há um homem mau que me passou um canivete na perna. No quintal, há um monstro escuro, que me bateu com um pedaço de pau. Além disso tudo, no telhado está sentado um demônio, que gritou bem alto:

- "Vou matar tua vó !!!"... Acho que não devemos voltar lá... É muito perigoso!!

75 Depois disso, nunca mais os ladrões voltaram à casa, e os quatro músicos de Bremen sentiam-se muito bem lá, onde faziam suas músicas e viviam despreocupados. De vez em quando, alguém das redondezas os chamavam e lá iam eles, felizes e contentes, tocar a sua música...."

QUESTÕES

- 1) Na linha 3, em que sentido a palavra **tencionava** foi empregada?
 - a) forçava
 - b) pretendia
 - c) aceitara
 - d) tentara

- 2) Na frase “Depois de andar um pouco.....arfando de cansaço.”, linha 7, qual é o significado da palavra **arfando**?
 - a) dormindo
 - b) falando
 - c) sorrindo
 - d) bufando

- 3) Na linha 22, o verbo **propuseram** tem o mesmo sentido de:
 - a) sugeriram
 - b) disseram
 - c) pensaram
 - d) falaram

- 4) Existem palavras que representam o som produzido pelos animais, como nos exemplos nas linhas 47 e 48: “.... o burro **zurrava**, o cão **latia**, o gato **miava** e o galo **cacarejava**.”

As palavras **coaxar**, **mugir**, **relinchar** e **rugir** são “vozes” de que animais?

 - a) Pato, cavalo, boi e lobo.
 - b) Sapo, pombo, leão e cavalo.
 - c) Sapo, boi, cavalo e leão.
 - d) Pombo, leão, carneiro e boi.

- 5) Por que os quatro animais da história foram desprezados por seus donos?
 - a) Porque estavam velhos demais para o trabalho.
 - b) Porque seus donos não mais gostavam de animais.
 - c) Porque os animais eram muito caros.
 - d) Porque os seus donos iriam mudar de cidade.

- 6) Antes de serem desprezados por seus donos, que trabalhos faziam o burro, o cão e o gato ?
 - a) Passeava pelo moinho, corria pela estrada, vivia em perigo.
 - b) Caçava patos, carregava sacos de feijão, corria pelo moinho.
 - c) Carregava sacos de milho para o moinho, caçava, caçava ratos.
 - d) Caçava ratos, caçava gatos, carregava sacos de milho para o moinho.

- 7) Quais seriam os destinos do burro e do gato se não tivessem fugido de seus donos?
 - a) O burro seria vendido e o gato seria canja para os convidados.
 - b) O burro seria entregue à carrocinha e o gato seria afogado.
 - c) O burro seria vendido e o gato seria afogado.
 - d) O burro seria morto pelo próprio dono e o gato seria entregue à carrocinha.

- 8) Com que intenção os quatro animais aproximaram-se da casa na floresta pela primeira vez?
- Para ir à uma festa.
 - Para buscar abrigo.
 - Para encontrar outros amigos.
 - Para espantar os ladrões.
- 9) Os quatro animais conseguiram espantar os ladrões daquela casa. Isso aconteceu porque um dos ladrões “interpretou” de maneira confusa os acontecimentos reais. Quem eram, na verdade: *o homem* que lhe passou um canivete na perna e o *monstro escuro* que lhe bateu com um pedaço de pau?
- O gato e o cachorro.
 - O cachorro e o burro.
 - O burro e o gato.
 - O galo e o burro.
- 10) De que maneira a interpretação “confusa” beneficiou os quatro amigos?
- Os quatro amigos sentiam-se muito sozinhos na casa.
 - Os quatro animais resolveram ir para Breem.
 - Os ladrões assustaram-se e foram embora para nunca mais voltar.
 - Os quatro amigos tocavam suas músicas diariamente.

ANEXO C - TESTE DE COMPREENSÃO LEITORA

Nome: _____ Idade: _____

Série: _____ Turma: _____ Prof^a.: _____

LEIA O TEXTO E ASSINALE A RESPOSTA CORRETA

OS MÚSICOS DE BREMEM

Jakob e Wilhelm Grimm

1 "Um homem tinha um burro que, há muito tempo, carregava sacos de milho
2 para o moinho. O burro, porém, já estava ficando velho e não podia mais trabalhar.
3 Por isso, o dono tencionava vendê-lo. O pobre animal, sabendo disso, ficou muito
4 preocupado, pois não podia imaginar como seria seu novo dono... e então, para
5 evitar qualquer surpresa desagradável, pôs-se a caminho da cidade de Bremen.

6 "Certamente, poderei ser músico na cidade", pensava ele.

7 Depois de andar um pouco, encontrou um cão deitado na estrada, arfando
8 de cansaço.

9 - Por que estás assim tão fatigado? perguntou o burro.

10 - Amigo, já estou ficando velho e, a cada dia, vou ficando mais fraco. Não
11 posso mais caçar; por isso meu dono queria me entregar à carrocinha. Então, fugi,
12 mas não sei como ganhar a vida.

13 - Pois bem – disse-lhe o burro. - Minha história é bem semelhante à sua.
14 Vou tentar a vida como músico em Bremen. Venha comigo. Eu tocarei flauta e você
15 poderá tocar tambor.

16 O cão aceitou o convite e seguiu com o burro. Não tinham andado muito,
17 quando encontraram um gato, muito triste, sentado no meio do caminho.

18 - Que tristeza é essa, companheiro? - perguntaram-lhe os dois.

19 - Como posso estar alegre, se minha vida está em perigo? - respondeu o
20 gato. - Estou ficando velho e prefiro estar sentado junto ao fogo, em vez de caçar
21 ratos. Por esse motivo, minha dona quer me afogar.

22 - Ora, venha conosco a Bremen - propuseram os outros. - Seremos
23 músicos e ganharemos muito dinheiro.

24 O gato, depois de pensar um pouco, aderiu e acompanhou-os. Foram
25 andando até que encontraram um galo, cantando tristemente, em cima de uma
26 cerca.

27 - Que foi que lhe aconteceu, amigo? - perguntaram os três.

28 - Imaginem - respondeu o galo - que amanhã a dona da casa vai ter visitas
29 para o jantar. Então, sem dó nem piedade, ordenou ao cozinheiro que me matasse
30 para fazer uma canja.

31 Os outros, então, lhe propuseram:

32 - Nós vamos a Bremen, onde nos tornaremos músicos. Você tem boa voz.
33 Que tal se nos reuníssemos para formar um conjunto?

34 O galo gostou da idéia e, juntando-se aos outros, seguiram caminho.

35 A cidade de Bremen ficava muito distante e eles tiveram que parar numa
36 floresta para passar a noite. O burro e o cão deitaram-se embaixo de uma árvore
37 grande. O gato e o galo alojaram-se nos galhos da árvore.

38 O galo, que estava bem no alto, olhando ao redor, avistou uma luzinha ao
39 longe, sinal de que deveria haver alguma casa por ali. Disse isso aos companheiros
40 e todos acharam melhor andar até lá, pois o abrigo ali não estava muito confortável.

41 Começaram a andar e, cada vez mais, a luz se aproximava. Afinal,
42 chegaram à casa. O burro, como era o maior, foi até a janela e espiou por uma
43 fresta. À volta de uma mesa, viu quatro ladrões que comiam e bebiam. Transmitiu
44 aos amigos o que tinha visto e ficaram todos imaginando um plano para afastar dali
45 os homens. Por fim, resolveram aproximar-se da janela. O burro colocou-se de
46 maneira a alcançar a borda da janela com uma das patas. O cão subiu nas costas
47 do burro. O gato subiu nas costas do cão e o galo voou até ficar em cima do gato.

48 Depois, a um sinal combinado, começaram a fazer sua música juntos : o
49 burro zurrava, o cão latia, o gato miava e o galo cacarejava. A seguir, quebrando os
50 vidros da janela, entraram pela casa adentro, fazendo uma barulhada medonha.

51 Os ladrões, pensando que algum fantasma havia surgido ali, saíram
52 correndo para a floresta. Os quatro animais sentaram-se à mesa, serviram-se de
53 tudo e procuraram um lugar para dormir. O burro deitou-se num monte de palha, no
54 quintal; o cão, junto da porta, como a vigiar a casa; o gato, junto ao fogão, e o galo,
55 numa viga do telhado. Como estavam muito cansados, logo adormeceram.

56 Um pouco além da meia noite, os ladrões, verificando que a luz não brilhava
57 mais dentro da casa, resolveram voltar. O chefe do bando disse aos demais:

58 - Não devemos ter medo!

59 E mandou que um entrasse primeiro para examinar a casa. Chegando à
60 casa, o homem dirigiu-se à cozinha para acender uma vela. Tomando os olhos do
61 gato, que brilhavam no escuro, por brasas, tentou neles acender um fósforo. O gato,
62 entretanto, não gostou da brincadeira e avançou para ele, cuspiando-o e arranhando-
63 o. Ele tomou um grande susto e correu para a porta dos fundos, mas o cão, que lá
64 estava deitado, mordeu-lhe a perna. O ladrão saiu correndo para o quintal, mas, ao
65 passar pelo burro, levou um coice. O galo, que acordara com o barulho, cantou bem
66 alto: - Có, có, ró, có!!!!

67 Sempre a correr, o ladrão foi se reunir aos outros, a quem contou:

68 - Lá dentro há uma horrível bruxa que me arranhou com suas unhas afiadas
69 e me cuspiu no rosto. Perto da porta, há um homem mau que me passou um
70 canivete na perna. No quintal, há um monstro escuro, que me bateu com um pedaço
71 de pau. Além disso tudo, no telhado está sentado um demônio, que gritou bem alto:

72 - "Vou matar tua vó !!!"... Acho que não devemos voltar lá... É muito
73 perigoso!!

74 Depois disso, nunca mais os ladrões voltaram à casa, e os quatro músicos
75 de Bremen sentiam-se muito bem lá, onde faziam suas músicas e viviam
76 despreocupados. De vez em quando, alguém das redondezas os chamavam e lá
77 iam eles, felizes e contentes, tocar a sua música...."
78

QUESTÕES

- 1) Na linha 3, em que sentido a palavra **tencionava** foi empregada?
 - a) forçava.
 - b) pretendia.
 - c) aceitara.
 - d) tentara.

- 2) A velhice dos animais lhes trouxe sentimentos negativos tais como preocupação, fadiga e tristeza. A que se devem esses sentimentos?
 - a) À velhice dos animais.
 - b) Ao desprezo dos seus donos.
 - c) Ao cansaço dos animais.
 - d) Ao trabalho realizado pelos animais.

- 3) Na frase “Depois de andar um pouco.....arfando de cansaço.”, linha 7, qual é o significado da palavra **arfando**?
 - a) dormindo
 - b) falando
 - c) sorrindo
 - d) bufando

- 4) Em que momento cada um dos quatro animais pôde desempenhar suas habilidades para se defender?
 - a) Quando formaram um conjunto.
 - b) Quando dormiram na floresta.
 - c) Quando entraram na casa.
 - d) Quando espantaram os ladrões da casa.

- 5) Na linha 22, o verbo **propuseram** tem o mesmo sentido de:
 - a) sugeriram
 - b) diziam
 - c) pensaram
 - d) nenhuma das alternativas acima

- 6) Antes de serem rejeitados pelos seus donos, os animais realizavam algumas tarefas úteis, tais como:
 - a) Ser músico.
 - b) Caçar ratos e trabalhar no moinho.
 - c) Caçar e transportar mercadorias para o moinho.
 - d) Sentar-se junto ao fogo e caçar.

- 7) De que maneira a interpretação confusa do ladrão ajudou os quatro amigos?
 - a) Os quatro amigos sentiam-se muito sozinhos na casa.
 - b) Os quatro animais resolveram ir para Bremem.
 - c) Os ladrões assustaram-se e foram embora para nunca mais voltar.
 - d) Nenhuma das alternativas acima.

- 8) O ladrão pensou ter visto, entre outras coisas, “um homem mau”, “um monstro escuro” e “uma horrível bruxa”. A que animal correspondia cada uma dessas coisas?
- a) O cão, o burro e o gato.
 - b) O galo, o burro e o gato.
 - c) O gato, o cão e o galo.
 - d) O burro, o galo e o cão.
- 9) Com que intenção os quatro animais aproximaram-se da casa na floresta?
- a) Para ir a uma festa.
 - b) Para buscar abrigo.
 - c) Para encontrar outros amigos.
 - d) Para espantar os ladrões.
- 10) Que atitude pode ter demonstrado a covardia do chefe do bando dos ladrões?
- a) Ele ter dito que o bando não deveria ter medo.
 - b) Ter-se dirigido à cozinha para acender uma vela.
 - c) Ter verificado que a luz não brilhava mais dentro da casa.
 - d) Ter mandado que um dos ladrões entrasse primeiro na casa.

ANEXO D- ATIVIDADES DE LEITURA ORAL

Primeira fábula: O Macaquinho Travesso

N = narrador B = barbeiro M = macaco

Narrador – Há muitos e muitos anos,
num grande e belo salão,
estava mestre barbeiro
cantando a sua canção.

Barbeiro - Fígaro lá, fígaro cá.
Corta pra lá, corta pra cá.
Corto cabelos, faço bigodes;
barbas nem sei quantas eu fiz.
Sou um barbeiro de qualidade.
Vivo contente , sempre feliz.

Cantando duas vezes

Fígaro lá, fígaro cá
Tra-lá – lá – lá – lá –lá – lá – lá – lá- lá.

Macaco – He, he, he, he, he.

Barbeiro – Quem está aí? Quem ri assim?
Eu sou capaz de apostar que alguém está rindo de mim.

Macaco – He, he, he , he.

Barbeiro – Ah! És tu! Pois, sim, senhor. Vejam só ! Mas quem diria!
Que fazes aqui, macaco , na minha barbearia?

Macaco – Eu queria uma navalha, uma navalha afiada,
para cortar lá no mato,
o pêlo da macacada.

B – O quê? A minha navalha?
Com essa eu morro! Eu me acabo!
Tu mereces que eu corte um pedaço do teu rabo!

N – E assim, mestre barbeiro saiu correndo ligeiro,
mas o esperto macaquinho, sem mais esta nem aquela,
fugiu levando a navalha, pulando pela janela.

M – Não se aflija, seu barbeiro! A minha sorte não falha.
E voltarei ao amigo, para pagar-te a navalha.

N- E assim, pouco depois....

Primeiro vendedor - Peixe, peixe , camarão.
(**vendedor de peixe**)Sardinha quem vai comprar?
Só não vendo tubarão,
porque é difícil pescar. } Cantando duas vezes.

Olha o peixe, camarão. Vejam só !
Que lindos peixes hoje consegui pescar!
Porém, não tenho comigo
uma faca para escamar.
No entanto, espere.
Oh! Que sorte! Pois lá vem vindo Simão
a correr pelo caminho,
com uma navalha na mão. } Falando com
ele mesmo

- Hei! Macaquinho! Vende cá!
- Escute aqui, macaquinho,
queres trocar a navalha
por um peixe bem fresquinho?

M- Oba! Sei que vai dar certo,
a minha sorte não falha.
Pois bem, dá-me cá o peixe
e aqui tens a navalha.

N – Mais adiante....

Segundo vendedor (**padeiro**) –

Olha o padeiro. Olha o pão! (gritando para chamar a atenção).
Pão quente, minha gente.
Pão quentinho, bem fofinho.
Pão fresco ainda está morno,
saiu agora do forno. } Cantando duas vezes

Olha o padeiro! Olha o pão. (gritando)
Trabalhei o dia inteiro
e nada pude comprar.
Quem me dera ter agora
um bom peixe pro jantar.
Mas vejam só! Que surpresa!
Pois lá vem o macaco Simão
a pular alegremente,
com um lindo peixe na mão. } Falando com
ele mesmo.

- Ei, macaquinho! Vem cá!
 Escuta, mestre Simão.
 Queres trocar, meu amigo,
 este peixe por um pão?

N – O macaco fez a troca
 e saiu por um atalho,
 muito contente da vida,
 pulando de galho em galho.
 Pouco depois,....

Terceiro vendedor – (**Bananeiro**)

Bananeiro, olha as bananas (gritando para chamar a atenção do público).

Bananeiro, bananeiro,
 traz o cesto carregado
 de bananas madurinhas
 para vender lá no mercado.

} Cantando duas vezes

Banana, bananeiro (gritando)
 Sim, bananas.
 Só bananas hoje tenho pra comer.
 Trabalhei o dia inteiro e nada pude vender.
 No entanto, que beleza!
 Lá vem o macaquinho,
 pulando de galho em galho,
 trazendo um pão bem fresquinho.

} Falando

- Ei, macaco, venha cá!
 Escuta, mestre Simão,
 que tal trocarmos agora,
 10 bananas por um pão?

N – O macaco fez a troca
 e saiu, meu amiguinho,
 carregado de bananas
 a saltar pelo caminho.
 Mais adiante....

Quarto vendedor – (**violeiro**)

Tocando a minha viola
Bão ba lão
Balão bão bão
Lá vou eu por esse mundo
cantando a minha canção

Cantando uma vez

Mas a vida está difícil.
Eu nem sei o que fazer,
senão encontrar agora
qualquer coisa pra comer.

Ah! Cantei o dia inteirinho.
E agora, quem diria,
estou morto de cansaço
e com a barriga vazia.
Entretanto, vejam só!
Lá vem o mestre Simão
a correr pelo caminho,
com 10 bananas na mão.

Falando

- Ei, macaquinho, vem cá!
Queres trocar as bananas
pela minha violinha?

N – Outra vez foi feita a troca
e depois, o macaquinho saiu contente da vida
a cantar pelo caminho.

M- Quase perdi o meu rabo por causa de uma navalha.
Da navalha fiz um peixe e do peixe fiz um pão.
Do pão fiz dez bananas e depois, que sorte a minha,
troquei todas as bananas por esta violinha.

Cantando uma vez

Adeus viola, que eu vou pra Angola . (cantando 2x)

He, he, he,he,he.
E com esta violinha ,
vou ganhar muito dinheiro
e comprar outra navalha novinha para o barbeiro.

Falando

Adeus, viola que eu vou pra Angola . (cantando 2x).
He, he, he, he.

PERGUNTAS ORAIS SOBRE A PRIMEIRA PARTE DA FÁBULA “O MACAQUINHO TRAVESSO”

I) Responda as perguntas de acordo com a estória que ouviu:

- a) Em que época se passa essa estória?
- b) Quem é o primeiro personagem da estória?
- c) Onde ele se encontra?

II) Marque V (verdadeiro) ou F (falso) :

- a) A barbearia é um local muito bonito.
- b) O barbeiro cortou o rabo do macaco.
- c) O macaco encontrou um vendedor de peixe.

III) Responda:

- a) Que tipos de peixe o vendedor está vendendo?
- b) O vendedor fez uma troca com o macaco. Qual foi essa troca?
- c) O macaco aceitou a troca?

IV) O que acontecerá no seguimento da estória?

PERGUNTAS ORAIS SOBRE A SEGUNDA E ÚLTIMA PARTE DA PRIMEIRA FÁBULA

I) Quem são os personagens que apareceram nessa parte da estória?

II) Corrija os erros nas seguintes frases, de acordo com a estória que você ouviu:

- a) Depois de trabalhar muito , o padeiro fez compras no supermercado.
- b) O padeiro só come galinha no jantar.
- c) O bananeiro tinha muitas coisas diferentes para comer.
- d) O bananeiro vendeu toda a sua mercadoria.
- e) Depois de cantar o dia inteiro, o violeiro encontra o Mestre João.
- f) O macaquinho levava algumas bananas em cima de sua cabeça.

III) Vocês ouvirão a segunda parte da fábula mais uma vez e, em grupos de três , ensaiarão essas falas destes três personagens, tentando “imitar “ a maneira que eles falam.

JOGO DAS CARTELAS

FIGURAS UTILIZADAS PARA O JOGO DE CARTELAS

1) NARRADOR



NARRADOR



NARRADOR



NARRADOR



NARRADOR



NARRADOR



NARRADOR



NARRADOR



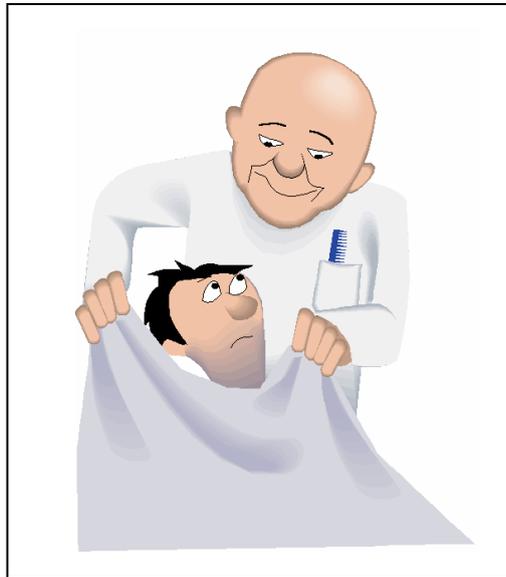
NARRADOR



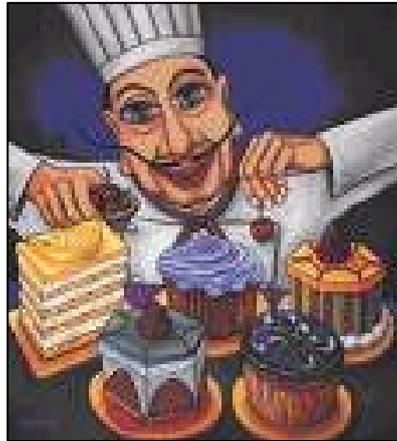
NARRADOR



NARRADOR

2) BARBEIRO**3) MACACO SIMÃO****4) VENDEDOR DE PEIXE**

5) PADEIRO



6) BANANEIRO



7) VIOLEIRO



Segunda Fábula: Rapunzel

N. = Narrador; R. = Rapunzel; Pa. = Passarinhos; P. = Príncipe; B = Bruxa

N.

Era um dia muito lindo,
o sol redondo no céu
parecia estar sorrindo,
menos para Rapunzel.

Os passarinhos cantavam;
abelhas colhiam o mel.
Felizes, todos estavam. Todos,
Menos Rapunzel.

Quem era?
Não disse ainda?
Esqueci-me, com certeza.
Rapunzel era a mais linda das moças da redondeza.

Pele rosada, fresquinha,
o olhar meigo das crianças,
a cabeleira lourinha
formava compridas tranças.

Mas era triste seu rosto.
E seu cantar mais ainda,
pois revelava um desgosto
nesta canção muito linda.

R.

Vivo triste , nesta torre,
onde a bruxa me prendeu.
Todo mundo vive alegre.
Todo mundo, menos eu.

Vivo triste, nesta torre,
onde a bruxa me trancou.
Esperando...
Esperando por quem nunca mais voltou.

Eu continuo esperando
o príncipe da floresta
que ao longe vi cavalgando
num lindo dia de festa.

E acho que me avistou
nesta torre onde estou presa.
Porém, nunca mais voltou.
E eu vivo nesta incerteza.

N.

O príncipe realmente vira
a moça na janela.
E estava, precisamente,
tentando falar com ela.

P.

Em meu cavalo ligeiro
pregado em cima da sela,
eu procuro o dia inteiro
a moça que vi na janela.

Naquela torre comprida,
sem porta e sem escada.
Sem entrada, nem saída.
Sem saída, nem entrada.

Agora estou me lembrando...
É a torre da bruxa má.
E já foram me avisando:
ninguém se atreva a ir lá.

Mas, o que é isto?
Passarinhos em volta do meu chapéu?
E cantando afinadinhos
a canção que vem do céu!

Pa.

Príncipe, príncipe!
Segue o rio para o norte.
Príncipe, príncipe!
Você vai ter muita sorte.

Príncipe, príncipe!
Vai ligeiro em seu corcel.
Príncipe, príncipe.
O nome dela é Rapunzel!

P.

Obrigado, passarinhos!
Estou rindo de contente.
Como é bom ter amiguinhos
que queiram ajudar a gente!

N.

Assim, andou mais um dia,
sempre no caminho certo,
até que ouviu, com alegria,
uma voz cantando perto.

R.

Vivo triste, nesta torre
onde a bruxa me prendeu.
Todo mundo vive alegre,
Todo mundo, menos eu.

P.

A torre.
Ali, na janela,
é Rapunzel, certamente.
Poderei falar com ela.
Encontrei-a, finalmente.

N.

Mas logo se escondeu
ao ver a bruxa malvada,
que ali apareceu,
cantando desafinada.

B.

Rapunzel, Rapunzel!
Joga as tuas louras tranças
sem demora, sem demora
que eu vou subir agora.

P.

É uma verdadeira escada
de fios de ouro tecida
que vai do chão à sacada
facilitando a subida.

Pelas tranças, realmente,
lá vai a bruxa magrela,
muito vagarosamente,
subindo até a janela.

B

Rapunzel, trouxe maçãs, leite e pão
e alguns docinhos.
Virei todas as manhãs.
Não dê nada aos passarinhos.
Eles andam espalhando por aí
o que não devem.
E estão me atrapalhando.
Para teus amigos, não servem.

Jogue as tranças, novamente,
que eu agora vou descer.
Sejas boa e paciente
que eu volto ao amanhecer.

P.

Pronto, a bruxa já desceu.
Vou esperá-la sumir.
E, agora, lá vou eu.
Rapunzel há de me ouvir.

Rapunzel, Rapunzel.
Joga as tuas louras tranças
sem demora, sem demora,
que eu vou subir agora.

R.

Essa voz! Que alegria!
O príncipe me encontrou.
Não disse?!
Naquele dia, ele bem que me avistou!

As tranças!! Já podes vir!!
Mas como ele vem ligeiro!
A bruxa, para subir,
leva quase um dia inteiro.

Já sei porque demoraste:
eram tantos os caminhos.
Mas, afinal, me encontraste
e graças aos passarinhos.

P.

É verdade.
E o que importa é cumprir o que jurei.
Deste castelo sem porta,
logo te libertarei.

R.

Mas como?
A bruxa malvada fica de olho lá fora.
Quando está desconfiada,
vem aqui a toda hora.

P

Não faz mal.
Amanhã cedo, depois do cantar do galo,
eu volto. Não tenhas medo.
Iremos no meu cavalo.

N.

Dizendo isto,
desceu pelas tranças,
e do chão, soprou-lhe o beijo
que deu na palma da própria mão.

Mas Rapunzel estava certa.
Meia hora se passava
e a velha bruxa esperta,
desconfiada, voltava.

B

Estou sentindo algo estranho e diferente no ar.
Com minhas unhas te arranho,
se quiseres me enganar.

R.

Ah! Ah! Ah!

B

De que estás rindo agora ?
 Por acaso faço graça?
 Antes que me vá embora
 conta logo o que se passa..

R.

É que tu demoras tanto!
 Sobes tão devagarinho!
 E o príncipe, no entanto,
 Faz isso num instantinho.

Oh! Que fiz!?
 Que desastrada!
 Conteí tudo para a megera.
 Essa bruxa desalmada,
 agora, vai virar fera.

B

Ah! Ah! Então era isto!
 O príncipe da floresta.
 Pois vais ver o meu feitiço.
 Que desaforo !Ora, essa!

Tuas tranças
 vou cortá-las com o tesourão do jardim.
 Não precisas mais usá-las.
 É o princípio do teu fim!

E largo-te no deserto,
 onde o sol te queimará
 e o teu príncipe, por certo,
 jamais te descobrirá.

N

Desceu da torre com ela
 pelas tranças que amarrou
 com um nó bem forte à janela,
 logo depois que as cortou.

E aos empurrões,
 foi levando Rapunzel,
 até deixá-la lá no deserto.
 chorando, sem ninguém para ajudá-la.

B

Voltarei à torre agora.
 Subo e recolho as tranças.
 Meu castigo não demora..
 Me pagam, essas crianças!

N

E Rapunzel, Ah! Que sorte!
Assim que se acalmou,
seu coração bateu forte.
Teve uma idéia: cantou!

R

Passarinhos, amiguinhos!
Onde estão para me ajudar?
Tenho fome, tenho sede.
Já não posso caminhar.

Passarinhos, amiguinhos.
Para onde devo ir?
Estou perdida no deserto
já não posso resistir.

Pa

Estamos todos aqui,
voando no azul do céu..
Quem te viu foi bem-te-vi
e nos trouxe Rapunzel.

Bem perto existe um riacho.
Nós vamos te conduzir
juntinhos, voando baixo,
para a sombra te cobrir.

R.

Que bom lugar!
Sorte a minha! Tem sombra, frutas.
Que amor!
Aqui viverei sozinha,
mas não morro de calor.

N

No outro dia, pontualmente,
enquanto o galo cantava,
o príncipe, inocente,
ao pé da torre chegava.

P

Rapunzel, Rapunzel.
Joga as tuas louras tranças
sem demora, sem demora.
que eu vou subir agora!

B

Ah! Ah! Estão bem amarradas.
Aí, vão, pode subir.
Estou rindo às gargalhadas
do susto que vai sentir.

Lá vem ele,
o pobre louco
que queria me enganar.
Vou soltar meu grito rouco.(OOOOHHH)
Caiu
de pernas pro ar!
Ah! Ah! Ah!

P

Oh! Meu Deus, eu não vejo nada.
Fiquei cego!
Foi feitiço.
Foi essa bruxa malvada
que, por vingança, fez isso.

N

E sete dias andou
sem ter um destino certo,
até que a sorte o levou
para os lados do deserto.

Foi quando escutou distante
uma voz familiar
que o deixou radiante
só de ouvi-la cantar.

R

Vivo triste, no deserto,
onde a bruxa me deixou.
Sete dias, sete noites
e ninguém me encontrou.

Vivo triste, no deserto,
mas não deixo de cantar,
pois o príncipe, por certo,
ao me ouvir, vem me buscar.

P

Rapunzel, onde é que estás?

R.

Estou aqui, na tua frente.
Estás cego! Não me vês mais?
Foi a bruxa, certamente.

N

De cansaço, desmaiando,
o príncipe foi ao chão.
E debruçada, chorando,
Rapunzel tomou-lhe a mão.

Suas lágrimas caíram
sobre seus olhos fechados
que logo, logo se abriram
completamente curados.

P

É um milagre, com certeza,
do teu amor , que é tão belo!
Serás a minha princesa,
rainha do meu castelo!

N

Levou-a dali.
Casaram.
Tiveram muitas crianças.
E as meninas usaram,
é claro, compridas tranças.

E a bruxa?

A bruxa, viram gritando
debruçada na janela.
E os passarinhos levando
as tranças para longe dela.

Com sua malvadeza
a bruxa má e cruel,
lá na torre vive presa,
sem as tranças de Rapunzel.

QUESTÕES DE COMPREENSÃO DA FÁBULA RAPUNZEL

Nome: _____ Idade: _____
Data: _____ Série: _____
Turma: _____ Prof^a.: _____

I - Assinale a alternativa correta:

1) Como o príncipe chega à torre onde está Rapunzel?

- a) A pé.
- b) De ônibus
- c) A cavalo
- d) De carruagem

2) O que a bruxa leva para Rapunzel comer?

- a) Vinho, pão e peixe.
- b) Frutas, biscoitos e suco de laranja.
- c) Maçãs, leite, pão e docinhos.
- d) Leite, pão e frutas.

3) O que fez Rapunzel assim que chegou ao deserto?

- a) Cantou, chamando seus amigos passarinhos.
- b) Chorou o dia inteiro.
- c) Tentou achar algo para comer.
- d) Não resistiu ao intenso calor e desmaiou.

4) O que aconteceu com o príncipe assim que ficou cego?

- a) Caminhou por muitos meses no deserto.
- b) Encontrou Rapunzel no dia seguinte.
- c) Foi ajudado pelos passarinhos.
- d) Andou sem destino até chegar ao deserto.

II - Responda V (verdadeiro) ou F (falso).

- a) O príncipe chegou muito rápido ao primeiro encontro com Rapunzel .
- b) A bruxa vai até a torre a toda hora.
- c) A bruxa enfeitiçou o príncipe.
- d) Rapunzel casou com o príncipe ,mas não tiveram filhos.
- e) Ninguém ficou sabendo qual foi o destino da bruxa.

III - Responda as seguintes perguntas na folha pautada.

- 1) Quando Rapunzel aparece na história pela primeira vez, ela canta uma música muito linda, mas também muito triste. O que ela diz nessa canção?
- 2) Qual foi o conselho que os passarinhos deram ao príncipe pela primeira vez?
- 3) Porque a bruxa acha que os passarinhos não servem para serem amigos de Rapunzel?
- 4) No primeiro encontro entre Rapunzel e o príncipe, ele diz que a libertará.. Como e quando ele planeja fazer isso?
- 5) Como a bruxa ficou sabendo sobre o príncipe?
- 6) O que fez a bruxa quando soube que o príncipe queria libertar Rapunzel?
- 7) Quando Rapunzel estava no deserto, ela foi ajudada por seus amigos passarinhos. Para onde eles a levaram?
- 8) Quando o príncipe ou a bruxa queriam subir à torre onde estava Rapunzel, eles pediam algo a ela. O que exatamente eles falavam ? (Tente escrever as próprias palavras que eles usaram).
- 9) Tente dizer o que aconteceu na história a partir do momento em que o príncipe tenta libertar Rapunzel da torre, mas encontra a bruxa malvada.

Terceira Fábulas:

O Fazendeiro, seu Filho e o Burro
Fábula de Esopo

1 "Um fazendeiro e seu filho viajavam para o mercado, levando consigo um
2 burro. Na estrada, encontraram umas moças salientes, que riram e zombaram deles:
3 - Já viram que bobos? Andando a pé, quando deviam montar no burro!
4 O fazendeiro, então, ordenou ao filho:
5 - Monte no burro, pois não devemos parecer ridículos.
6 O filho assim o fez.
7 Daí a pouco, passaram por uma aldeia. À porta de uma estalagem estavam
8 uns velhos que comentaram:
9 - Ali vai um exemplo da geração moderna: o rapaz, muito bem refestelado no
10 animal, enquanto o velho pai caminha, com suas pernas fatigadas.
11 - Talvez eles tenham razão, meu filho, disse o pai. Ficaria melhor se eu
12 montasse e você fosse a pé.
13 Trocaram então as posições.
14 Alguns quilômetros adiante, encontraram algumas camponesas passeando,
15 as quais disseram:
16 - A crueldade de alguns pais para com os filhos é tremenda! Aquele
17 preguiçoso, muito bem instalado no burro, enquanto o pobre filho gasta as pernas.
18 - Suba na garupa, meu filho. Não quero parecer cruel, pediu o pai.
19 Assim, ambos montados no burro, entraram no mercado da cidade.
20 - Oh!! Gritaram outros fazendeiros que se encontravam lá.
21 - Pobre burro, maltratado, carregando uma dupla carga!
22 - Não se trata um animal desta maneira. Os dois precisavam ser presos.
23 Deviam carregar o burro às costas, em vez de este carregá-los.
24 O fazendeiro e o filho saltaram do animal e carregaram-no. Quando
25 atravessavam uma ponte, o burro, que não estava se sentindo confortável, começou
26 a escoicear com tanta energia que os dois caíram na água."

QUESTÕES DE COMPREENSÃO DO TEXTO

Nome:

Data:

A) Circule a resposta correta:

- 1) Quem achou que o burro estava sendo maltratado?
 - a) As camponesas.
 - b) Outros fazendeiros.
 - c) As moças salientes.
 - d) Os velhos da estalagem.

- 2) Na linha 13, a palavra **fatigadas** significa:
 - a) Cansadas.
 - b) Machucadas.
 - c) Inchadas.
 - d) Lavadas.

- 3) Ao entrarem no mercado da cidade,
 - a) o fazendeiro estava montado no burro e seu filho estava a pé.
 - b) o filho estava montado no burro e seu pai a pé.
 - c) o fazendeiro e seu filho estavam a pé.
 - d) o fazendeiro e seu filho estavam montados no burro.

- 4) A caminho do mercado, o fazendeiro não queria parecer ridículo. O que ele fez ?
 - a) Ele e seu filho montaram no burro.
 - b) Pediu ao filho que puxasse o burro.
 - c) Ordenou ao filho que montasse no burro.
 - d) Nenhuma das alternativas.

B) Responda as seguintes perguntas:

- 1) Se você tivesse que modificar o título dessa história, como ele seria?

- 2) Qual é a moral dessa história?

CURRICULUM VITAE

Setembro/2006

DADOS PESSOAIS

Nome Janice Maria Pinheiro Machado Aquini
Nome em citações bibliográficas AQUINI, J. M. P. M.

Endereço residencial Rua Antônio José Remião, 15/99
Espírito Santo - Porto Alegre
90.770-670, RS - Brasil
Telefone: 051 30299103

E-mail: jmaquini@yahoo.com.br

FORMAÇÃO ACADÊMICA/TITULAÇÃO

2000 - 2002 Especialização em Literatura infanto-juvenil.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC/RS, Porto Alegre, Brasil

1982 - 1986 Graduação em Curso de Letras-Licenciatura.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil

ATUAÇÃO PROFISSIONAL

- 1 Centro de Inglês Técnico - CITEC
Vínculo institucional
1983 - 1985 Vínculo: Celetista , Enquadramento funcional: Professora, Regime : Parcial
- 2 Escola Municipal Santa Rita de Cássia - EMSRC
Vínculo institucional
1988 - 1989 Vínculo: Servidor público , Enquadramento funcional: Professora, Regime : Parcial
- 3 Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano - ICBNA
Vínculo institucional
1989 - 1999 Vínculo: Professora , Enquadramento funcional: Professora, Regime : Parcial
- 4 Escola Panamerican de Porto Alegre - PAS
Vínculo institucional
1998 - 1998 Vínculo: Professora , Enquadramento funcional: Professora, Regime : Parcial
- 5 Escolas Wizard - EW
Vínculo institucional
2000 - 2001 Vínculo: Professora , Enquadramento funcional: Professora, Regime : Parcial

PRÊMIOS E TÍTULOS

1990 Certificate of Proficiency in English, University of Michigan, United States.

PRODUÇÃO EM C, T & A

Eventos

Participação em eventos

1. AQUINI, J. M. P. M.

Convenção das Associações dos Professores de Inglês da Região Sul, 2004. (Participações em eventos/Congresso)

2. AQUINI, J. M. P. M.

Grupo de Estudos Livres do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. (Participações em eventos/Encontro)

OUTRAS INFORMAÇÕES RELEVANTES

- 1 PALESTRA "Relato de Experiências Bilingües" para os membros do GEL - Grupo de Estudos Livres do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- 2 PALESTRA "Second language Acquisition: another way to interact with your child" durante a Convenção das Associações dos professores de Inglês, ULBRA, Canoas,RS.